

SUMÁRIO

NOSSA CAPA	82
EDITORIAL	5
DIVERSOS	

Características da Organização Policial Inglesa — conferência do ten. cel. Bento de Barros Ferraz	6
"Pró Patria" — major Olímpio de Oliveira Pimentel	11
Noções de Motomecanização — ten. cel. Romeu de Carvalho Pereira	12
O Curso de Transmissões — cabo Altair Silveira	17
As classes de Armarias — Hélio A. A. Dutra de Azevedo	18
Cardiopatas nas Fôrças Armadas — cap. méd. O. P. dos Santos Abranches	23
Nomes — Fernando Averbach	24
Espírito de Trinta e Dois — Joel Hermes de Oliveira	25
Questões de Ensino — prof. Hans Peter Heilmann	30
Idade da Razão — ten. cel. L. F. Silva Wiedemann	32
Em Torno de Eucida — W. J. M.	34
Medicina Americana — Gláucio Bandeira	42
O Cerimonial Desportivo Através dos Tempos — cel. Arrisson de S. Ferraz	50
Ouro Preto — poema de Walter Nogueira da Silva	57

NOTICIÁRIO

Descoberto Finalmente o Elixir da Longa Vida — cap. méd. Plirts Nebó	38
Curso de Comandante de Pelotão de Choque	60
Novo Comandante Geral	61
Comemorado em São Paulo o movimento de 1.932	68
Congresso de Direito Penal Militar no Rio	70

NOTÍCIAS DAS CO-IRMAS

Alagoas	62
Distrito Federal	62
Minas Gerais	63
Pernambuco	64
Rio de Janeiro	65
Rio Grande do Sul	66

DESTAQUES DA FORÇA PÚBLICA	72
O BRASIL EM DOIS MESES	74
O BIMESTRE NO MUNDO	76

ESPORTES

São Paulo em Festas Recebeu os Campeões	78
Campeonato Interno	79

RECREAÇÃO

Palavras Cruzadas — cap. Plínio Debrousses Monteiro	82
---	----

Charadista!

Cruzadista!

Acha-se à venda o ÍNDICE MONOSSILÁBICO ENCICLOPÉDICO”, de autoria de Ed. Lirial Jor. (Manoel Hildegardo Pereira Franco).

Obra de grande valor para charadistas e cruzadistas, com um suplemento contendo alfabetos, música, noções sôbre cabala e sinais diversos empregados pelos apreciadores da arte enigmística.

O “ÍNDICE MONOSSILÁBICO ENCICLOPÉDICO” é a condensação de tôdas as definições e sinônimos dos termos monossilábicos encontrados na totalidade dos dicionários adotados nas seções de palavras cruzadas e de charadas das publicações do Brasil e de Portugal. Sendo obra completa no gênero, é o maior auxiliar para compor e decifrar charadas, enigmas desenhados e palavras cruzadas.



Pedidos pelo reembolso postal, à gerência de MILITIA — rua Alfredo Maia, 106 — SÃO PAULO — BRASIL.

"TRATADO DE ESGRIMA"

"O autor é reconhecida autoridade no assunto. Desde os bancos da Escola de Oficiais que se dedicava com entusiasmo ao nobre esporte das lâminas. Como aluno da Escola de Educação Física, melhorou consideravelmente sua bagagem de conhecimentos da especialidade, o que lhe valeu ser recrutado para o corpo docente do tradicional Estabelecimento de Ensino, para reger as cadeiras de esgrima dos seus vários cursos. A cátedra dilatou-lhe os amplos horizontes, multiplicou-lhe os grandes conhecimentos esgrimísticos.

"TRATADO DE ESGRIMA" é de cunho eminentemente doutrinário. Encerra um verdadeiro curso de esgrima, com notável senso pedagógico. O autor inicia com as noções primárias e vai aos poucos, em pequenas doses, escalando as altitudes esgrimísticas. A seriação das armas, das lições, a ordenação e a metodologia da obra colocam-na ao alcance de todos. Os iniciantes encontrarão na obra do cap. Adauto um roteiro seguro e acessível. Os medianamente conhecedores da arte tirarão de suas páginas preciosos elementos para ampliação dos seus recursos. Os mestres e os doutos terão horas agradáveis ao folhear os seus capítulos, onde tirarão subsídios para enriquecer os seus conhecimentos.

"TRATADO DE ESGRIMA" vem preencher um claro na bibliografia especializada nacional, bastante escassa, aliás, pois contamos apenas com as obras dos Generais Parga Rodrigues e Valério Falcão, já bastante antigas, a obra do Cap. Delphin Balancier, oficializada na Fôrça Pública, e outros pequenos ensaios. Esse é outro iado que credencia a obra nascente.

"TRATADO DE ESGRIMA", está enriquecido por numerosas gravuras ilustrativas, o que vem aumentar a compreensão dos movimentos.

A obra está despertando a mais viva acolhida nas fileiras da Fôrça Pública, baluarte da difusão do esporte fidalgo em nossa terra, e nos meios especializados de São Paulo, sendo certo que o seu interêsse se irradiará por todos os centros esgrimísticos do país. Sem dúvida, o livro do cap. Adauto Fernandes de Andrade está fadado a um grande sucesso. Sobram-lhe méritos para isso" (*).

Pedidos à revista «MILITIA» — Rua Alfredo Maia, 106 — S. Paulo

Grande número de símbolos era adotado na antiguidade clássica, notadamente na mitologia helênica. Na Bíblia, predomina a linguagem simbólica. Dante, Shakespeare e todos os clássicos valeram-se da simbologia. O símbolo é uma constante na história da humanidade. Mais que isso, é uma necessidade psicológica. E o Nove de Julho é o símbolo do espírito revolucionário do povo paulista.

Os franceses escolheram, para simbolizar a revolução liberal, o 14 de julho, com a queda da Bastilha, quando houve muitos fatos de maior importância histórica, nos anos agitados da revolução. Da mesma forma, a independência brasileira foi-se formando lentamente, com o evolver do sentimento nacionalista, apontado por alguns historiadores já no século XVII, mas o 7 de setembro é indispensável para simbolizar nossa emancipação política e a pátria.

São Paulo se orgulha da epopéia dos bandeirantes, que vasculharam grande extensão do continente e alargaram os horizontes da América portuguesa, construindo o Brasil de hoje. Orgulha-se das lutas do povo paulista em quatrocentos anos de história, orgulha-se de ser o Estado líder da União.

Daqui partiram, não só os bandeirantes, mas a maior parte dos grandes movimentos que abalaram a nação. Aqui, Feijó enfrentou o poder central, daqui partiram revolucionários da década dos vinte, aqui o Anhanguera esteve ameaçado de ver-se coroado rei do Brasil. Foi em nosso litoral que se fundou a primeira cidade brasileira, foi em São Paulo que Pedro I se rebelou contra a metrópole. É aqui que está o maior parque industrial da América Latina e a mais extensa rede rodo-ferroviária do Brasil. O solo bandeirante produz a maior riqueza brasileira e, em nosso Estado se refina a maior parte do petróleo brasileiro, fonte de divisas e de esperanças.

O movimento de 1932 pode não significar, para muitos, a chamada revolução constitucionalista, Mas representa a grandeza de São Paulo e faz lembrar todo um passado de quatro séculos, com suas dôres e alegrias, com um patrimônio de tradições imorredouras — tudo simbolizado no Nove de Julho, data que, mais que tudo, representa São Paulo. Nada mais justo, portanto, que as comemorações com que começamos os últimos dois meses.

Características da Organização Policial Inglesa

(Conferência proferida pelo
TEN. CEL. BENTO DE BARROS FERAZ,
no Palácio da Polícia)

Honrado com o convite para proferir esta palestra, apresso-me a escusar-me perante o seletto auditório pelas minhas naturais deficiências, ao abordar o tema a que me propus.

Cingir-me-ei a relatar certas características da organização policial inglesa de maneira pessoal, como as aprendi.

E antes de focalizá-las, permito-me ligeiro retrospecto, para firmar a realidade dos serviços políticos na Inglaterra, em largos traços, por volta de 1.829. Até então eram eles afetos a magistrados locais, auxiliados por guardas e vigias das paróquias ou freguesias. Subsidiariamente, quando a situação fugia ao controle dessas autoridades, o serviço policial era suplementado por forças militares convocadas.

Mas, tão patente se tornara a ineficiência dessa organização policial, que em 1829 se impunha, imperiosamente, radical reforma em sua estrutura.

Assim, a despeito da opinião pública — contrária a qualquer forma de força policial por temer a violência — o problema foi enfrentado, criando-se moderno organismo policial em Londres. Para isso não faltou o indispensável preparo psico-

lógico da população londrina, de modo a convencê-la de que não se instituiria nenhum organismo coator das liberdades ou direitos individuais. E como penhor disso, para obter-se o necessário crédito de confiança do público, dois pontos foram logo fixados: 1.º a nova força policial seria eminentemente civil; 2.º seria proibido o uso de armas por seus componentes.

Contudo, o gênio organizador inglês compreendeu cedo que, embora necessitasse ceder terreno à opinião pública, jamais erigiria uma boa força policial se não dispuzesse de rígidos meios coercitivos para controlá-lhe a ação, interna e externamente.

Dessa forma, nasceu a Polícia Metropolitana de Londres, alicerçada em sólidos e severos princípios de hierarquia e disciplina.

De início, a despeito de tôdas as cautelas a nova organização não se livraria dos não poucos vexames, suportados face à violenta reação da opinião pública. Entretanto as bases da instituição se solidificaram e, pouco a pouco, as várias organizações policiais inglesas foram se assemelhando à Polícia Metropolitana.

Note-se, porém, que o serviço policial na Grã-Bretanha não é de

âmbito nacional. E, antes, formado por um apreciável número de forças policiais locais. Há, no momento, mais de 120 na Inglaterra e em Gales. Cada força é inteiramente responsável por sua área e não há conflitos de jurisdição.

Das afirmações feitas, resulta a conclusão lógica de que as várias forças policiais inglesas são inteiramente independentes. Isso, no entanto é apenas aparente, como veremos.

Mais uma vez o gênio inglês reuniu as vantagens da unificação e da descentralização dos servidores policiais, ao mesmo tempo, sem ferir a tradição da autoridade local; e novamente enfentando e contornando a opinião pública, que repudiava a unificação, por entendê-la como instrumento opressor nas mãos do poder central.

Como o conseguiu? Primeiramente, fixando um princípio segundo o qual a manutenção geral da paz interna no país é dever do governo central, desde que os responsáveis locais não a assegurem.

Da condição enunciada no princípio, nasceu a autoridade do poder central de verificar como os poderes locais garantem a manutenção da ordem. E essa incumbência foi atribuída à Secretaria do Interior que, em íntima e contínua cooperação com as forças policiais de toda a nação, realiza a manutenção da lei e da ordem na Inglaterra.

O secretário do Interior é, assim, a autoridade central, coordenadora da eficiência do serviço policial no país, embora o princípio citado responsabilize diretamente as autoridades locais.

Poderá ser efetiva a ação do secretário do Interior? Sim, através de hábil meio idealizado para assegurar essa possibilidade, sem arbítrio.

O poder central propôs-se a pagar, pelo Tesouro da Inglaterra, metade das despesas efetuadas com a manutenção de cada força policial; entretanto o pagamento desse subsídio está condicionado à verificação de que a força beneficiária satisfaz os seguintes requisitos: 1.º — a área de sua jurisdição está eficientemente policiada; 2.º — a cooperação para com as demais forças é adequada; 3.º — a força esta sendo mantida, equipada e administrada com plena eficiência; e 4.º — os níveis de vencimentos seguem as escalas previstas. Se essas condições não forem satisfeitas o financiamento da metade das despesas, por parte do Tesouro, pode ser suspenso no todo ou em parte. Obviamente, cada força policial prima em observá-las...

Além desse a Secretaria do Interior exerce outro controle sobre as forças policiais da Inglaterra e de Gales, por via regulamentar, pois, segundo a lei, pode ela baixar instruções, procurando obter uniformidade na organização e administração das polícias do país.

Os regulamentos a serem baixados são previamente submetidos a um Conselho de Polícia, constituído de representantes de todos os postos e das autoridades policiais locais. Uma vez aprovados, aplicam-se igualmente às forças policiais da nação e a seus componentes. As disposições atuais regulam os mais variados assuntos: sistema de promoções, horas de trabalho, férias, uniformes,

vencimentos, vantagens condições de inatividade e até atribuições especiais do secretário do Interior, tais como a de que dependem de sua aprovação a nomeação dos chefes de polícias das forças locais e a fixação anual de afetivos de cada uma. Também atribui competência ao secretário do Interior para solucionar casos disciplinares de relêvo, em última instância.

É de notar-se ainda que, após a última guerra, o sistema de formação dos policiais é uniforme. Para isso existem no país, geograficamente distribuídos, oito centros regionais de instrução, os quais funcionam sob uma espécie de convênio entre a Secretaria do Interior e as forças policiais interessadas. Também existem a Escola de Detetives e o Colégio Nacional da Polícia, para atender tôdas as forças policiais, inclusive das colônias.

Neste passo, citarei um exemplo configurador do aproveitamento dos aspectos positivos da unificação na organização policial inglesa.

O Colégio Nacional de Polícia, único na Inglaterra, mantém cursos que habilitam os sargentos de qualquer força policial para acesso ao posto de inspetor. Nesse Colégio, quando está vago o cargo de comandante, é ele preenchido da seguinte forma: A Secretaria do Interior publica editais e convida os candidatos a se inscreverem para o preenchimento da vaga, mediante requerimentos. De posse destes, procede a meticolosas investigações e seleciona alguns concorrentes (3, 4 ou 5), julgados capazes para a função. A seguir remete a relação dos mesmos

ao Colégio, para apreciação do Conselho de representantes dos Condados e do Conselho Técnico, a estes permitindo que selecionem e indiquem, observada a relação, o candidato que deva ser nomeado. Por processo análogo se realiza, também, a seleção de instrutores.

Ainda como exemplo de sadia unificação, citarei o seguinte: A Secretaria do Interior, em assuntos operacionais, atua como um reservatório de experiência, como órgão de orientação e como agência de pesquisa geral, a serviço das necessidades de todo o serviço policial.

Acrescente-se, afinal, que as normas gerais estabelecidas para fiscalização não constituem meras formalidades. A Secretaria do Interior conta com quatro altos funcionários, inspetores das forças policiais, que realizam minuciosas inspeções em tôdas as organizações policiais do país. E o não cumprimento daquelas normas acarreta, inexoravelmente, as sanções previstas.

Dissemos, antes, que as forças policiais da Inglaterra, que são a própria organização policial inglesa, são eminentemente civis. Essa assertiva contudo, merece um detido exame. Em verdade, o histórico da questão, a nosso ver, é o que passamos a expor.

O poder competente, ao instituir aqueles órgãos, de um lado sentiu-se tangido pela opinião pública que repudiava a organização militar para o exercício da função policial, por temê-la como meio de violência aos direitos ou liberdades individuais. De outro lado, era premido pela compreensão de que o povo jamais dis-

poria de uma boa polícia, se a estrutura desta não se estabedecesse em sistema especial. E o gênio prático inglês como sempre, encontrou hábil e inteligente solução. Instituiu originais organismos, sob condições «sui-generis» aos quais são afetos todos os serviços policiais da nação, as forças policiais.

São eminentemente civis mas inteiramente hierarquizadas, com graduações e postos que só podem ser alcançados sucessivamente; eminentemente civis, mas com rigorosa instrução de ordem unida e de educação física, individual e em conjunto, na formação dos policiais; eminentemente civis, mas com rigoroso plano de uniformes, inclusive insígnias especiais para cada posto ou graduação; eminentemente civis mas com processos de seleção, formação e promoção similares aos militares; eminentemente civis, mas com formaturas e desfiles, às vezes em conjunto, onde se representam várias forças policiais; eminentemente civis, enfim mas sob rigorosos e específicos regulamentos de disciplina e de continência e sinais de respeito.

Como exemplo de disciplina rigorosa, lembrei que ao policial fardado é proibido fumar em público embora talvez seja em Londres, entre todos os lugares do mundo, que esse hábito incida com maior intensidade. Fuma-se nos teatros, cinemas, em veículos coletivos. Pois bem, em quase dois meses de permanência em Londres, jamais vi um policial fardado, em trânsito ou de serviço, fumando.

Aliás, não se esqueceram os técnicos ingleses que aqui estiveram,

srs. Manoel e Fenwick, de nos alertar em seu relatório: «É princípio aceito que não há outro serviço público em que seja mais importante a existência de alto nível de disciplina, do que no serviço policial se se deseja manter a confiança e respeito do público, tão necessários em qualquer país».

Lembrarei, também, e não será demais, segundo penso, que o «Livro de instrução», manual oficial distribuído aos componentes das forças policiais inglesas, no capítulo 5, item 57, regula em detalhes a prestação da saudação militar — a continência — que obriga aos policiais, individualmente ou em conjunto.

Assinale-se ainda que os policiais que trabalham em trajés civis (investigadores, por exemplo), são selecionados entre os elementos fardados, sendo mantidos seus postos ou graduações.

Do exposto conclui-se que a organização policial inglesa aproveitou, com sabedoria, os aspectos positivos da unificação; no plano operacional, utiliza integral e racionalmente, as vantagens da descentralização; e estruturou-se em instituição civil, aproveitando, no que convém à polícia, salutaros princípios e processos que tradicionalmente regem as organizações militares.

Portas em relevo as principais características que assinalam a organização policial inglesa, não me furto ao dever de enunciar ao auditorio que me honra, embora correndo o risco de tornar-se por demais enfadonho, outros fatores responsáveis pelo alto nível das forças policiais da Inglaterra, particularmente

da Polícia Metropolitana. Ei-los:

1 — Eficiente e rigorosa seleção, para a valorização do homem e da corporação. Basta dizer-se que, apesar do grande número de claros na Polícia Metropolitana, conseqüente da concorrência dos bons salários pagos pela indústria e comércio, a única concessão feita no tocante às condições para ingresso, foi tolerar-se a altura de 1,70 m., ao invés de 1,75 m., para os candidatos.

2 — Segura e objetiva formação do policial (física, social, cultural e sobretudo, moral).

3 — O policial é, antes de tudo, um efetivo servidor da coletividade. E, sendo-o, conquista a população. Esta muitas vezes deixa de dilinquir, pelo cuidado que tem em não ofender os policiais seus amigos.

4 — É vedado aos policiais o exercício de qualquer outra profissão, como também o é a participação em atividades politico-partidárias. Se o policial, seja qual fôr o posto, desejar candidatar-se a qualquer cargo eletivo, deverá demitir-se e jamais voltará à função que exercia.

5 — A delegação de autoridade policial, a todos os componentes da policia, é efetiva.

6 — A policia é valorizada, não só porque participa do rápido funcionamento da justiça, como também porque esta garante a punição do delito.

7 — As organizações se assentam em excelente sistema de transportes e comunicações.

8 — As atividades administrativas, de provimento (fundos, inten-

dência, engenharia) não se misturam com as da policia, embora se realizem em cooperação e harmonia. Assim, o comissário ou o chefe de Polícia só é responsável pela parte operacional da respectiva corporação.

9 — As forças policiais são plenamente independentes na posição que ocupam; além da lei, não são servidoras de ninguém. Desempenham funções estatutárias e só diante destas são responsáveis.

10 — Sobretudo, a policia devota profundo respeito à pessoa humana; à sua dignidade e a seus direitos.

Ao fim desta exposição, resta-me dizer-lhes, como certo procurador francês que estudou a organização policial inglesa: Entendo que o sistema é específico à Inglaterra, atendendo às normas e conduta especiais de seu povo, cujo temperamento, hábitos e maneiras de vida diferem essencialmente do que é relativo a nosso povo.

Isso não quer dizer que na reforma da policia paulista, desprezemos sábios princípios e alguns processos adotados na organização policial inglesa.

Entretanto, embora seja sedição dizê-lo, devemos buscar nossa solução, atentos às peculiaridades de nosso Estado e de nossa pátria com vistas ao nosso ambiente social e, especialmente, para atender às conveniências de nossa população.

Da colaboração de todos nascerá por certo, moderno organismo policial em nosso Estado e, concomitantemente, nova organização judiciária e adequado processo penal.

“PRÓ PÁTRIA”

Major O. L. Pimentel

Obrigado, irmão dileto e incógnito, pela valiosa remessa de “Pró Pátria”, números de março e abril. Aquêlê ilustra sua capa com a figura imarcescível de Cândido Mariano da Silva Rondon, protetor impertérrito do selvícola da ilha de Vera Cruz — estampando, êste, Dom João VI, soberano do Reino Unido de Brasil, Portugal e Algarves.

Li atentamente os dois exemplares, generosamente enviados, que se juntaram por alguns dias ao carrasquento livro de cabeceira — “Os Sertões”.

Aprendi neles algo de maravilhoso, de sublime.

“Pró Pátria”, órgão oficial do Clube dos Oficiais da Polícia Militar e do Corpo de Bombeiros do Distrito Federal, é na acepção do têrmo uma jóia de literatura, ofuscante e bela, que deslumbra os olhos de quantos têm a ventura de manuseá-la.

“DULCE ET DECORUM EST PRO PATRIA MORI” (É doce e belo morrer pela pátria). Esta locução, encimando-lhe o rosto, encerra tôda a sublimidade recôndita do espírito culto e do sentimento cívico que caracteriza a pléiade ilustre que a dirige.

Obrigado, irmão dileto e incógnito, pela valiosa remessa de “PRÓ PÁTRIA”.

NOÇÕES DE MOTOMECANIZAÇÃO

Ten. Cel. Romeu de Carvalho Pereira

Em outra ocasião, trouxemos ao conhecimento publico o que então, se fazia para aplicar o motor a jato na viatura automóvel e as dificuldades que a engenharia automobilística encontrava para conseguir um resultado objetivo e possível. Acontece que os fatos atuais (futuros da época), mostraram que a aplicação do motor a jato na viatura automóvel tornava-se muito difícil

turbo-hélices isto é, os motores a jato, mas a transmissão aérea por tração a hélices. Como exemplo, temos o avião presidencial do Brasil, o «Viscount».

Depois, em outra ocasião, mostramos novos rumos administrativos para os serviços de manutenção, demonstrando a necessidade da adaptação dos novos princípios

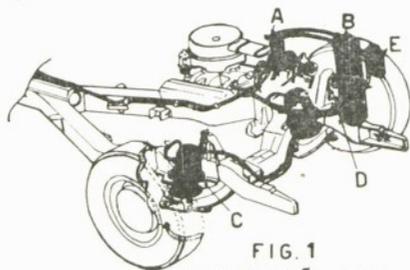


FIG.1

FIG.1

ORGANIZAÇÃO DIANTEIRA

- A - COMPRESSOR
- B - DEPÓSITO DE PRESSÃO
- C - UNIDADE DE AR
- D - TUBULAÇÃO DE NYLON
- E - SOLENOIDE

principalmente pela necessidade da redução de rotações de saída (da ordem de 45.000 rotações por minuto) para aplicar à caixa de mudanças (da ordem 4000 r. p. m.). No entanto, vemos parte desse trabalho aproveitado, hoje, na própria aviação, surgindo os aviões chamados de

de organização industrial, para a exploração dos serviços de manutenção automóvel. Tínhamos em vista o princípio de que, quanto mais velha a frota, mais se torna necessária e difícil a manutenção. E esta deve ser racional. Os fatos vieram confirmar nossas preocupações, sem-

pre com o propósito de crítica construtiva e de bem servir nossa corporação pois já prevíamos que a renovação da frota seria coisa quase impossível nestes anos.

Sobre o assunto dêste número, alguém me sugeriu o desenvolvimento dos transportes motorizados militares. O oficial de motores é um

trezentos e oito navios atravessassem o Mediterrâneo e levassem ao Egito os trinta e oito mil homens que Napoleão com os olhos na Índia espalhou pelas areias do deserto, de onde desenterrou também, extraordinária civilização antiga do Egito.

Teríamos ainda de conhecer como se fabricou na Inglaterra, em

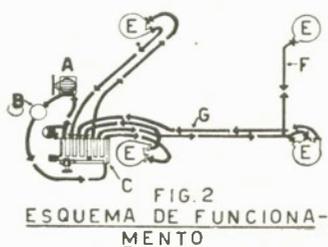


FIG. 2

- A - COMPRESSOR
- B - VÁLVULA CONTROLADORA
- C - DEPÓSITO DE PRESSÃO
- D - SOLENOIDE
- E - UNIDADES DE AR
- F - TUBULAÇÃO DE ENCHIMENTO
- G - TUBULAÇÃO DE RETORNO

combatentes em ação e êle mesmo, muitas vêzes, tem que chegar tão perto da linha de combate que passa a ser também combatente como seus companheiros. Mas, para falar em transportes, teríamos que ir buscar na história muita coisa, para chegarmos aos dias de hoje.

Assim teríamos que sair ao galope largo pela história e, com Alexandre, viver seus problemas, que deveriam ter tirado muito de suas energias, quando partiu para a conquista da Índia, levando tudo que um grande exército auto-suficiente necessitaria para conquistar o desconhecido. Teríamos que nos quedar, também, junto ao Estado Maior de Napoleão, em Toulon, a 19 de maio de 1798, e rever todos os planos e trabalhos executados para que aqueles

1.916, um carro de combate que iria mudar completamente o rumo da guerra futura e muitos dos seus métodos; como fizemos para sua fabricação não chegar ao conhecimento do inimigo e obterem os aliados a tão buscada surpresa. Até foi batizado com um nome exqu岸ito para a arte de guerra «tank». E depois, meditar sobre as palavras de De Gaulle, hoje com a França em crise, na redea de seu governo:— «E A FRANÇA TERIA VENCIDO». Sim, teria vencido, se soubessem seus homens responsáveis entender as palavras daquele general, quando preconizou para seu exército, a criação de grandes unidades motorizadas e blindadas, idéia que o gênio alemão, mais que depressa tornou objetiva com suas famosas «Panzer-Divisiones».

Ainda mais teríamos que dizer

de um pequeno mas valente carro que na segunda grande guerra, esteve na areia, no barro na neve, na montanha, na planície, na Europa, na África, na Ásia em tôda parte, enfim, e em todos os caminhos: o «Jeep», isto é a viatura «general purpose», abreviado «g e p».

Finalmente, deveríamos ir ao Estado Maior do então general comandante dos exércitos aliados na última guerra — hoje presidente dos Estados Unidos — nas costas da loura Albion, olhando para o lado de lá do mar a ser alcançado por um exército de milhões de homens, que deveria ser transportado através do canal, por todos os meios possíveis. Mas onde estava estacionado esse exército? Espalhado por um território, com todo seu material e suas reservas que deveriam estar nos locais e horas exatas do embarque. Não se transportava agora, só o exército. Transportavam-se homens, animais, materiais os mais diversos, hospitais, usinas completas, estradas de ferro completas com trilhos, locomotivas, vagões, combustíveis e até estações.

Era o máximo em transportes. Era o transporte, transportando o próprio transporte. Isso tudo não caberia nesta pequena aula.

Traremos, assim, aos presados camaradas, uma coisa técnica, que está para vir comumente, para melhoria e conforto da condução do homem em seus deslocamentos automóveis.

Muitos dos senhores já viajaram em ônibus confortáveis fazendo o percurso São Paulo-Rio de Janeiro. O conforto é maior do que o propor-

cionado por um automóvel, mesmo moderno. E, isso porque uma grande conquista técnica foi introduzida naqueles veículos. Trata-se do que chamam «molejo a ar», mas que nós para seguir a sistemática, chamamos de suspensão pneumática». Veio esse sistema substituir — com grandes vantagens — o aço flexível das molas das viaturas automóveis.

Como ontem se poderia escolher o tipo de transmissão que se desejava e quando se adquiria uma viatura: — «Câmbio mecânico ou automático?» era a pergunta, hoje pode-se dizer: — «Suspensão comum ou pneumática?».

Como funciona esse novo sistema, que poderá não nos fazer lembrar mais se uma estrada é boa ou ruim? É o que procuraremos mostrar.

A suspensão pneumática (fig. 1), consiste essencialmente nos seguintes órgãos:

- compressor de ar
- depósito de pressão
- quatro unidade de «molas de ar»
- válvulas niveladoras dianteiras (ou válvulas)
- válvulas niveladores traseiras (ou válvulas)
- solenoide
- válvula reguladora de pressão.

O ar necessário para os conjuntos, é fornecido pelo compressor, acionado por uma correia, que recebe movimento pela polia da bomba d'água do motor da viatura.

O depósito de pressão comple-

menta o ar necessário às unidades de molas de ar quando as variações máximas do terreno ou a carga pesada o solicita, assim como, o motor da viatura estando parado, necessitam as unidades do ar. Sua pressão é de 300 libras por polegada quadrada. Possui uma válvula de retenção na tubulação que vem do compressor (admissão); uma válvula de drenagem do ar e um filtro de saída (descarga). Essas válvulas são na realização, idênticas às atuais, usadas nos pneumáticos comuns.

As unidades de molas de ar, sendo quatro na viatura, acham-se colocadas como as atuais molas espirais da suspensão dianteira. Isso tanto na frente como na traseira da viatura e entre o chassi e os eixos das rodas. Consta a mola de ar de: um depósito, que fica na parte superior, ligado ao chassi (quando possui a niveladora que aumenta ou diminui o volume do depósito; do êmbolo, que liga o fole ao braço de controle inferior, peça esta que faz ligação da unidade com o eixo das rodas ou os braços da suspensão dianteira (fig. 3).

Quanto ao funcionamento do solenóide e as válvulas reguladoras de alturas que são as niveladoras, explicaremos em conjunto nos capítulos seguintes (fig. 3).

De importante neste sistema, há o que é denominado «altura de marcha», que o diferencia bastante das suspensões por molas de aço. Sabemos que as molas de aço tem uma regulagem automática de montagem. Isto porque as fábricas já fornecem as molas de aço com as medidas de montagem, calculadas para a colo-

cação e sustentação do peso das especificações. Nas transmissões pneumáticas, a altura de marcha é um ajuste preciso, mas muito sensível, não requerendo ferramentas espe-

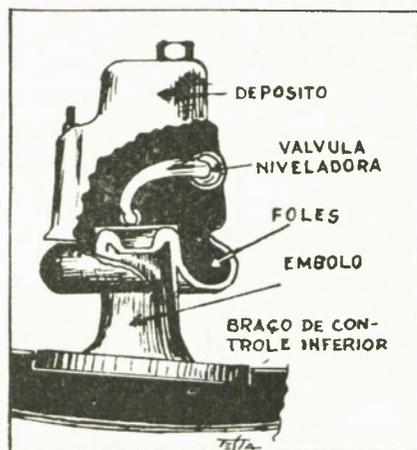


FIG. 3

UNIDADE DE AR

ciais. Algumas providências, porém, requeridas para a manutenção, quando por motivo qualquer se necessita alterar as posições estáticas e entre êles, ou de troca de pneus ou rebobagem da viatura. Então, antes de se levantar a viatura, torna-se necessário desligar a corrente elétrica para que o solenóide, tornando-se inativo não acione o mecanismo nivelador, mantendo os pontos de apoio — quatro — na mesma altura de marcha. É o que os engenheiros chamam de altura estática.

Os pequenos ajustes de altura de marcha, são facilmente obtidos. Torce-se o parafuso de ajuste e a porca de fixação existente na unida-

de de ar, a que já nos referimos. Aumentando-se a articulação, aumenta-se a altura de marcha e, consequentemente, a sua diminuição torna mais baixa a altura de marcha. Podem agora meus camaradas identificar objetivamente o que seja a «altura de marcha». E o quanto o êmbolo das unidades de ar podem se descolar, dentro do depósito, acionando o fole, permitindo maior ou menor deslocamento das rodas no sentido vertical possibilitando quase nenhuma influência do mau caminho na carroceria do veículo. E o conforto máximo em qualquer estrada.

A sensibilidade do sistema é tão notável que se testa seu funcionamento de nivelção rápida, funcionamento do solenóide, com o simples abrir e bater de uma porta da viatura.

Particularidades

Passemos a algumas particularidades do novo sistema.

1 — Tôda a tubulação de funcionamento, por sua alta pressão — até 160 L/polegada quadrada — é de «nylon», requebendo, por isso, cuidados especiais na manipulação.

2 — O sistema «Chevrolet» usa duas válvulas reguladoras na frente e uma atrás; já o sistema «Buick», pelo contrário usa duas válvulas na retaguarda.

3 — O sistema «Buick» tem um controle manual de travamento do molejo, dando possibilidade de se alcançar, com o macaco de levantamento para troca de pneus uma altura maior, pois as unidades de ar não funcionam. Já o «Chevrolet», recomenda que se desligue um cabo de bateria. (O que se busca é o não funcionamento do solenóide)

4 — O sistema «Oldsmobile» é chamado «tipo fechado», isto é, o sistema faz com que nas variações de terreno ou quando as unidades se esvaziam por carga leve, o ar deslocado seja levado a um «tanque auxiliar de reserva» voltando ao sistema, quando for solicitado novamente.

5 — Como exemplo de alturas de marcha, tomemos as especificações do «Mercury»:

— deslocamento do êmbolo das unidades dianteiras:— 11 cm.

— idem das unidades traseiras:— 14 cm.

6 — Finalmente, o preço dessa suspensão (acréscimo na compra da viatura):— cerca de Cr\$ 80.000 00 (oitenta mil cruzeiros).

CENTRO DE ESTUDOS MÉDICOS

O Centro de Estudos Médicos da Fôrça Pública de São Paulo está interessado no intercâmbio técnico-profissional e cultural com as organizações congêneres e oficiais médicos das Polícias Militares. Correspondência: Rua João Teodoro, 307 — SÃO PAULO, SP.

O CURSO DE TRANSMISSÕES

Cabo Altair Silveira

PARA MAIOR autonomia, mantem nossa corporação diversos cursos de formação profissional. Trataremos apenas de um deles: o Curso de Transmissões.

A história evidencia, desde os primórdios da civilização, o relevante papel que a comunicação desempenha entre dois pontos afastados, principalmente no terreno militar. Em épocas remotas, utilizava-se o emissário. Com instruções de seu governo, lá se ia ele, a pé, com sua comitiva, resolver com outro governo diversos assuntos. Por vezes, ia simplesmente dar pareceres sobre este ou aquele ponto de vista, de que nasceriam as bases para posteriores e importantes acordos. Sentiu-se, então, a necessidade de aperfeiçoar o método, por demais lento e, frequentemente, causador da derrota de um exército, ou da invasão inesperada de uma nação, pois, não raro, as informações chegavam com atraso. Chegou-se à conclusão de que, para maior eficácia, a comunicação necessitava de dois princípios fundamen-

tais: RAPIDEZ e PRECISÃO. Assim é que, no decorrer da história, vemos primeiramente o emissário a pé, depois o emissário a cavalo e, em seguida, a utilização de pombos-correio. Entretanto, com a evolução, chegamos à era eletrônica de nossos dias.

Hoje, a comunicação preenche, para as necessidades atuais, os dois princípios — rapidez e precisão — através da radiotelegrafia, da radiotelefonia e da telefonia. Na Força Pública, faz-se a comunicação entre as diversas unidades afastadas entre si, por meio de nossa rede radiotelegráfica. Esta exige constante remodelação de seu quadro de técnicos e operadores, para sua manutenção. Com tal objetivo, organizou-se um serviço especializado.

Atualmente, é o Serviço de Comunicações responsável pela eficiência da rede radiotelegráfica da F.P., formando, através do Curso de Transmissões, o pessoal especializado que se destina àquele fim.

As Classes de Amarias

(VII DE UMA SÉRIE SÔBRE HERALDICA)

HÉLIO A. A. DUTRA DE AZEVEDO

Cavaleiro da S. O. C. S. P. A. — Sócio
Efectivo do Instituto Genealógico Brasileiro
— Da Fed. dos Institutos Genealógicos
da América Latina.

"Não há verdadeira nobreza sem o adôrno da virtude própria e dos merecimentos adquiridos; consistem — estes e aquêles — nos feitos heróicos obrados em defesa da fé, no acrescimento da pátria... ações com quelouvavelmente se grangeia a nobreza do mundo"...
(Vilas-Boas e Sampaio.)

"En nacer no hay virtuperio
En vivir lo puede haber,
Asi, que el buen proceder
Puede conseguir emperio".

(Ms. n.º 332 da Bib. Pub. Mun. do Póto.)

"Glória não atribuas,
de nobre a quem não faça
obras que a rosto aberto chame suas". (Faria e Souza.)

13 são as amarias, isto é, de treze classes, a saber:—
De soberania, de pretensão, de comunidade, de aliança, de concessão de patronato, de sucessão, de família, de «enquirir», (armas de inquirir), «parlantes» (armas falantes), difamadas, brigadas e carregadas.

Vejamos o que vem a ser cada uma delas:—

De soberania

São as armas que os soberanos usam pelos reinos e senhorios que lhes pertencem. Os soberanos podem unir essas armas das casas soberanas coincidem com as armas dos reinos ou senhorios dos mesmos soberanos).

De pretensão

Os soberanos, em geral, ao lado das suas armas de soberania ou domínio, costumam também usar armas de outros reinos ou senhores, aos quais tenham ou pensem ter direito. Essas, pois, constituem as armas de pretensão, isto é, aquelas que são pretendidas como legítimas, mas pertencem a outrem, isto é, a outro soberano, como **armas de soberania**.

Os reis da Inglaterra costumam usar armas de França, junto com as suas. Os reis de França costumavam usar as de Navarra etc.; muitos outros exemplos há, fáceis de constatar. Os reis de França usavam um escudo «de azur com tres flores de lis de oro (que es de Francia) partido de Navarra que es de gu'es y una cadena puesta en orla, en cruz y en sotuer, de oro, teniendo una esmeralda en el centro».

Os reis da Inglaterra não apenas usaram as armas de França, como também por muitos séculos, usaram o título de reis de França.

De comunidade

São tôdas as armas usadas pelos reinos, províncias, estados republicas, bispados, cidades, universidades, congregações, ordens capitulos, corporações diversas e outras coletividades.

As comunidades são de duas espécies: seculares e eclesiásticas. A seculares são os estados, as províncias, as cidades etc. As eclesiásticas são os arcebispos bispados, ordens religiosas, paróquias, mosteiros, seminários, confrarias e outras entidades da Igreja.

De aliança

São tôdas as armas que se juntam às de uma casa ou família (às armas principais, portanto, pois que as de aliança passam a constituir armas de família junto com as demais). São as que o parentesco ou a aliança matrimonial determina.

De concessão

Tôda concessão de nobreza leva, obrigatoriamente, o uso de brasão de armas, ou seja, de armarias. Assim, quando um rei, ou mesmo um príncipe soberano (estes, quer tenham ou não território, podem conceder nobreza e títulos) dá nobreza a alguém, ou um título da jerarquia nobiliárquica, dá, ao mesmo tempo, o direito de usar armas. Assim as dos recém-enobrecidos são armas de concessão.

Nos países onde a monarquia não é mais o regime de

governo, como o nosso, os chefes da casa imperial ou real, têm poderes absolutos e indiscutíveis de criar nobres titulares e conceder armas. Assim, dom Pedro Henrique de Orléans e Bragança, chefe da casa imperial do Brasil, tem amplos poderes nesse sentido. Esse poder, como vem sendo interpretado pelos grandes estudiosos, estende-se mesmos as outras novas, como recompensa etc. Temos um exemplo — berana e nem mesmo de ramos importantes de famílias soberanas.

Também há casos em que as armas de concessão consistem apenas de algumas peças ou figuras que o soberano autoriza juntar às armas próprias de um nobre.

Outro caso é a substituição das armas de uma casa por outras novas, como recompensa etc. Temos um exemplo — São Luís, rei de França, no ano 1.250, após a desditosa batalha de Massoure, concedeu a Godofredo V, de Châteaubriand que trocasse as armas antigas de sua casa por um brasão «de gules sembrado de flores de lis de oro, con la divisa — «Mon sag tient les banières de France». Estas foram as armas de Châteaubriand, ilustre autor de «Le Génie du Christianisme.»

De patronato

São armas que certas pessoas juntam às de sua família, como sinal de jurisdição ou de seus direitos, em razão de de seus cargos. Os governadores das províncias antigamente (mesmo hoje, em nações como a Inglaterra), os intendentes ou os que governavam uma cidade ou mesmo os encarregados da custódia de um castelo, recorriam a esta classe de armarias.

Os religiosos ou eclesiásticos, quando fundadores, ou em memória da fundação ou do instituidor podem usá-las.

São muito raros os casos de uso dessas armas.

De sucessão

São as armas que os particulares usam em virtude de herança, legado ou doação, de acôrdo com as cláusulas testamentárias ou as condições estabelecidas pelo testador ou doador.

Na Espanha, em séculos passados, foi muito comum esse uso. Muitas vezes não era exigido apenas o uso dessas armas, como o «uso exclusivo.» Isso ocasionava não poucas querelas entre os juristas. Mais ainda, quando esta cláusula chamava-se «de nombre y armas» — quando, além das ar-

mas, o testador ordenava que o herdeiro tomasse, em primeiro, o seu apelido ou sobrenome.

De família

São as armas que pertencem a uma casa ou família e servem para distingui-la das demais. Assim, dentro de uma família, os pais e todos os filhos usam as mesmas armas. Haverá uma pequena diferença se o pae ou chefe da família em questão for mais velho ou primogênito do ramo ou da família de que descende pe'o lado masculino etc. Isso, explicaremos com clareza quando falarmos sôbre as armas brisadas.

Armas de «enquerir» ou enquerre»

Estas palavras, embora sejam escritas em espanhol, aqui, procedem do francês e tem o sentido de «inquirir» «averiguar» e «investigar».

São assim chamadas as armarias que contradizem uma das mais importantes regras da heráldica: aquela que diz:— «jamais se deve usar côr sôbre côr, nem metal sôbre metal». Têm êsse nome pelo fato de serem levados os heraldistas e demais estudiosos, pela violação do preceito, a estudar ou inquirir a «causa». Convenhamos que, em todos os casos que conhecemos, essa «causa» foi sempre horosa e excepcional.

Armas «parlantes»

São tôdas aquelas que utilizam figuras que em linguagem gráfica possuem o significado do apelido ou nome da família que representam heráldicamente.

São usadas quando os nomes das famílias são significativos, quando são tirados do nome dos animais, das plantas, dos acidentes geográficos e outros. As vêzes, também, as figuras representam associações de idéias, mais ou menos engenhosas, para representar ou expressar gráficamente o apelido ou nome da família.

A família francesa **Legendre** («o genro»), tem por armas três cabeças de moças, desgrenhadas, em alusão ao provérbio que diz que todo aquêl que tem filhas terá genros. Os Malemain, também de França, trazem por armas três mãos esquerdas. Os Malim (Maigno), um diabo de «sable».

Na Espanha, a família Luna, de Aragão, traz em seu escudo um «crescente» que, como vimos, é uma forma heráldica da lua.

Armas difamadas

As armas difamadas ou descarregadas são aquelas que perdiam uma das suas peças ou mesmo um pedaço, ou nas quais eram postos sinais especiais, como castigo de algum delito cometido por seu possuidor.

Para os que matavam um prisioneiro de guerra, era cortada a ponta do escudo. Para os cavaleiros que cometiam adultério, falso testemunho, ou eram punidos por embriaguez constante, pintavam-se «goussets pairles, nos escudos. Esses «goussets pairles» são figuras pouco usadas; têm forma de um Y.

Temos um exemplo no castigo que São Luiz, impôs a João de Avenes, filho de Margarida, condessa de Flandres. Porque êle havia insultado sua mãe, ordenou o rei santo que levasse o leão de suas armas sem língua e sem unhas.

Armas brisadas

São assim chamadas tôdas as armas que não são «puras» e «claras», mas que levam anexo a algumas «brisuras».

As «brisuras» não são mais que peças colocadas junto às armas, para distinguir a linhagem primogênita das linhagens ou ramos secundários (até mesmo bastardos) da mesma família. Assim, as armas originais, «puras e «claras», são portadas pelo herdeiro primogênito pela varonia. Os demais, mesmo os irmãos e outros consagüíneos, levam as mesmas armas, e crescidas de uma («brizura», isto é, de uma peça para distinção. Essas armas, pois, são «brisadas».

Armas carregadas

São as que recebem um acréscimo isto é, foram carregadas de mais alguma coisa. As peças juntadas são ganhas, sempre, por serviços relevantes prestados ao Estado, ao soberano ou à civilização. É o caso inverso das armas difamadas ou descarregadas.

Assim, num capítulo tanto quanto possível resumido, estudamos o que pode interessar sobre as diversas classes de armarias.

Oxalá as pessoas amantes da história, das tradições e das glórias imorredouras do passado, façam volver o seu amor para a ciência heróica, que é a heráldica. Essa heráldica que, através dos séculos, como instrumento das monarquias (dos impérios e dos reinos), deu mais lustro e mais pompa aos conceitos da família.

CARDIOPATAS NAS FÔRÇAS ARMADAS

RITMO DE GALOPE

OSCAR P. DOS SANTOS ABRANCHES
CAP. MÉDICO DA P. M. DO RIO DE JANEIRO

EM CONTINUAÇÃO a este assunto médico, passo a fazer referência ao sinal semiológico conhecido como RITMO DE GALOPE.

Nos candidatos ao voluntariado da nossa Polícia, assim como nos integrantes da mesma, por ocasião do exame médico a que são submetidos — aquêles para o ingresso na corporação e estes para os mistérios da vida da caserna — pude constatar, em 4 anos e 6 meses de atividade médico-militar, a grande freqüência, não do ritmo de galope característico, e sim do RITMO DE TREM (Luisada).

Destarte, é preciso todo o cuidado no respectivo exame médico, a fim de definirmos, com critério os que DEVEM FAZER ESTE OU AQUELE EXERCÍCIO FÍSICO, porque o sinal semiológico em sua forma de RITMO DE TREM, está traduzindo INSUFICIÊNCIA CARDÍACA e, portanto, com grave perigo para a saúde do militar em atividade não compatível. Apresento a propósito apenas um caso como ilustração.

Um jovem estudante de curso secundário, com a idade de 18 anos, veio a meu consultório para saber se podia praticar educação física em suas diversas modalidades; feito o respectivo exame médico-clínico, revelou-se o miocárdio do paciente com o sinal semiológico, RITMO DE TREM (Luisada); a tele-radiografia mostrou como resultado um coração próprio ao biotipo e o eletrocardiograma identificou a hipertrofia do ventrículo esquerdo. Ressalto aqui a importância do exame clínico em virtude dos EXAMES DE TELE-RADIOGRAFIA APRESENTAREM MUITAS VEZES, COMO RESULTADO, CORAÇÕES PRÓPRIOS AO BIOTIPO, prejudicando assim a saúde do paciente, militar ou civil, que nessas condições é designado a desempenhar esforços inadequados ao seu estado de cardiopata em pontencial.

N O M E S

Fernando Averbach¹⁹⁴¹

Certa vez, conversando com um propagandista que me visitava amiúde no consultório, a fim de gabar os produtos que representava, entramos a falar de nomes. O dêle é Reinaldo, nome, aliás, que julguei bonito e pretendi para o meu primogênito, a quem, afinal, a vontade irretorquível de minha sogra obrigou-me a dar outro. O dito cavalheiro porém, odeia o próprio nome, Por que? Segundo o prezado rapaz que me cede com tão boa vontade os seus frasquinhos, é porque todos os Reinaldos são infelizes e tristes, assim como todos os Joões são bobos. Teria êle razão? Não lhe discuto o mérito da pitoresca superstição, porque muitas vêzes as impressões que guardamos de uma pessoa e naturalmente do nome que a representa, nos acompanha pelo resto da vida. Assim também, tenho em mente a prévia idéia de que nunca verei um Sívio que não seja admirador do belo sexo, um Isaac não inteligente, u'a Márcia que não loura, uma Ivone que tenha cabelos negros e jogados aos ombros, um Ney que não seja valente.

O nome teria influência na vida futura das pessoas? Duvido muito; contudo, a êsse respeito, já se criou ciência, denominada NOME S O F I A, pela qual meu irmão mais velho, advogado cético e algo ranzinza, vê o dedo do fatalismo fincado em nosso futuro.

Pitigrilli, o genial escritor italiano que viu contrafeito, certo dia, o seu próprio pseudônimo dado a um parreheiro do turfe argentino, teve o gesto louvável e galante de dedicar-lhe uma crônica, na qual desejava ao Pitigrilli cavalgar vitórias sem conta e de tal relevância que, talvez um dia, viesse alguém a conjecturar o porquê de um escritor ter tomado o nome de um cavalo famoso. Poderia, eventualmente, provir daí a consagração do Pitigrilli escritor, refletida pelas glórias turfísticas nascidas dos cascos do quadrúpede voador. Sem dúvida, influência de nomes.

Ocorreu-me disso a lembrança de um futebolista patricio que empolgou multidões européas de fintas e chutes espetaculares, quando a nossa seleção em 1.938 lutava pela supremacia mundial.



ESTIMULE O APETITE

Si seu filho está sem apetite, prepare-lhe pratos com "MAIZENA". Ele apreciará as extraordinárias sopas e cremes de legumes, bem como as deliciosas sobremesas preparadas com o insubstituível

AMIDO DE MILHO

MAIZENA

MARCA REGISTRADA



TRIANGULO

Tinha eu então onze anos, e mais tarde, quando estudando a história grega, vim saber que Leônidas havia sido um rei menos conhecido dos brasileiros, e que num estreito desfiladeiro valentemente defendeu-se com duzentos e tantos gregos contra numerososíssimo e gigantescos persas, aplicando-lhes, talvez, dribles mais sensacionais sorri então amarelo e desapontado, pois no íntimo do meu sêr acreditei piamente que os feitos futebolísticos do nosso Leônidas nada mais eram do que o reflexo da graça do grego valente e astucioso. O nome do monarca helênico pareceu-me que transmitira as qualidades necessárias ao nosso craque, para tornar-se depois rei sem corôa de gramados esportivos.

Ainda hoje sinto em mim crescer o alvoroço natural pela nossa linda representante em concursos mundiais de beleza, que, apesar das suas atitudes menos elegantes quando da realização de uma festa beneficente em que ela tomou parte, não conseguiu desfazer a impressão do nome, ligado a um rosto angelical. E se por acaso for chamado um dia ao telefone e alguma interlocutora declarar-se homônima da outra fará sem dúvida êste empedernido cronista julgar que do outro lado do fio está a falar a beleza que se fez mulher. Porque o nome e a personalidade das pessoas se apresentam tão profundamente ligados que se torna quasi impossível separar uma da outra. Porém, ao significado etimológico de um nome, bem pouca gente dá atenção. Poucos sabem que um nome corriqueiro como Cláudio quer dizer côxo, que Carlos quer dizer varonil, que Ricardo significa valoroso. Outros nomes já trazem nêles mesmos as suas traduções para vernáculo, o que às vêzes, é um desastre. Já encontrei senhora Menininha que era uma velha cheia de rabugem, senhor Modesto que se julgava o centro do Universo, e senhora Celeste Angélica, parecendo o Diabo que baixou à Terra. Por outro lado, conheço uma Linda que é realmente formosa como os amores, em cantraposição a outra senhora com o nome horroroso de Josefa, que não merece elogio menor; uma senhora que se chama Fina que é a distinção personificada, e um bilheteiro que perambula pelas ruas desta capital e apelidado Alegria, trazendo escrito numa plaquinha presa à lapela a explicação da sua tristeza: «É gego».

Espírito de Trinta e Dois

(Joel HERMES DE OLIVEIRA)

(Transcrito da «Folha de Londrina» de 15-7-58)

Em virtude do interesse para o estudo da história do movimento constitucionalista, transcrevemos abaixo um trabalho de Joel Hermes de Oliveira, combatente de 1932. Aquela publicação teve origem em outra, de autoria de uma jornalista de São Paulo. O autor do presente trabalho defende uma tese referente à interpretação da atitude de um comandante, no final do movimento. MILITIA deixa a cargo do leitor a análise do assunto.

Devemo-lo exclusivamente a dois homens, um deles paradoxalmente repudiado depois, execrado, apontado à dedo como um judeus abjeto, vendilhão asqueiroso da nossa causa!

Eu vi, Helena, porque eu estava com aqueles que subiam do lado de cá para a crista da legendária serra prestes a ser galgada, antes de nós, pelo inimigo em arrancada ao embalo da carga de baionetas.

Minhas armas: uma secretária de campanha, uma máquina portátil de escrever e um revólver para defesa pessoal; meu posto; sargento amanuense; minha posição: no Estado Maior, ao lado do comandante em chefe; minha missão: registrar no boletim de guerra a veracidade dos acontecimentos, no preciso momento em que iam se desenrolando; meu batalhão: o 2.º da Força Pública de São Paulo, aquele mesmo das campanhas do Paraná, de Goiás, de Itararé e que, dias antes, havia ido buscar, pelas armas, numa fria madrugada, a rendição do último reduto contrário ao 9 de Julho.

Já quando saímos de Cruzeiro, as notícias não podiam ser mais trágicas: nossas forças estavam abandonando o túnel, ante a investida fulminante dos ditatoriais. Ao alcançarmos Pirequê, uma estaçõzinha aquém da boca do túnel, começamos a encontrar nossos companheiros despojados de armas, espavoridos, alarmados, assombrados mesmo, relatando desordenadamente os horrores da batalha travada ali mais adiante, que haviam sido forçados a abandonar em verdadeiro pânico.

Nosso comandante, nossos oficiais, nós todos, ansiávamos por conhecer a sorte da nossa 2.ª companhia, que também se achava na linha de frente e da qual nenhum componente ainda havia aparecido. "Cercada e dizimada à arma branca", eram as notícias. Nosso trem foi prosseguindo vagarosa e cautelosamente. A atenção da tropa concentrada na fisionomia do comandante. Sembrantes frios, frentes sulcadas, silêncio absoluto, carabinas embaladas, canos pelas janelas, dedos firmes no gatilho, aqueles combatentes eram como que a continuação do homem calmo

e destemido, chefe experimentado e decidido, militar forjado na agrura de outras batalhas.

Um gesto indeciso seu e tudo estaria irremediavelmente perdido. A tendência da tropa era contaminar-se com o desespero dos camaradas que continuavam a afluir em debandada louca. Eu vi, Helena, e também vivi aqueles horríveis momentos. Essa a razão do meu testemunho, em favor exclusivo da verdade histórica. Os protagonistas ainda estão quase todos vivos e eu não poderia me expôr a uma contestação.

Mas, eu vi, sabe?

Aquêles homem era, realmente, o único fator a manter a nossa tèmpera, pronta a romper-se, por um fio. Tudo o mais convidava, incitava, impulsionava à deserção. O instinto de conservação impedia ao abandono de tudo e ameaçava arrastar-nos a acompanhar os que fugiam. Entretanto, aquêles homem impávido, sereno, firme, possuía um poder superior que nos comunicava energia suficiente para vencer o pânico pronto a nos dominar ante o desespero dos que desertavam.

Foi nesse estado de ânimo que a composição alcançou finalmente a boca do túnel. Magotes de fugitivos quedavam-se boquiabertos ante o espetáculo incrível daqueles homens de cabeça erguida, armados apenas de fuzil Mauzer, alguns F.M. e umas poucas metralhadoras pesadas, decididos a ir retomar as posições perdidas e reaver as quatro bocas de fogo das quais estavam ali, abandonadas ao lado da via férrea, as culatras e várias caixas de munição.

Qual a força estranha que os mo-

via, que os imunizava contra o vírus contagiante do medo? Eu não caminhava propriamente para o batismo de fogo, pois já o recebera dois anos antes, menino quase ainda, nos campos de Quatiguá. Mas, uma boa parte dos nossos soldados, sim. Da guerra só conheciam os combates simulados, a manobabilidade e as manobras de terreno variado.

Aquela força provinha, sem dúvida, das vibrações emanadas do chefe. Do comandante que, à frente do estado-maior e este da tropa, infundia coragem, respeito, abnegação, espírito de sacrifício até da própria vida, aliados a uma disciplina inquebrantável.

Do grupo espavorido, à boca do túnel, uma boa parte reagiu e nos acompanhou, agora a pé, através as encostas batidas pelo tiro direto das metralhadoras inimigas. De pronto ficava a nossa primeira vítima — o cabo Martini — estendido à beira da estrada. Depois havia de ser o tenente Penha. Alguns feridos já começavam a ser recolhidos por padioleiros.

Baionetas caladas, mutismo absoluto, a coluna constitucionalista avançava; inopinadamente, salta do mato à estrada, revólver em punho, um brado de guerra a espoucar-lhe da garganta, o major Otaviano Gonçalves da Silveira, o revolucionário de lides outras desde 24, comandante da 2.ª companhia que sabíamos estar sendo massacrada.

Os dois chefes saúdam-se num grande abraço, e o comandante Otaviano, nestas palavras textuais que jamais esqueci:

— “Comandante, a segunda companhia está firme nas suas trincheiras, Ninguém recuou um passo”.

Os soldados, que a tudo assistiam e ouviam, prorromperam a uma só voz, em vibrantes aclamações:

“Viva o Brasil

“Viva São Paulo

“Viva a Revolução

“Viva o comandante...

(ainda a reticência)

““Viva o major Otaviano.

O P.C. foi instalado na crista da serra entre as linhas de trincheiras que se desenvolviam à esquerda e à direita do comando em chefe. Ali tive ocasião de assistir, lembro-me nitidamente, a um fato que nunca mais seria possível esquecer: o comandante, protegido pelo barranco, observava de binóculo os movimentos do inimigo; pouco adiante, um metralhador entrincheirado esgotara a munição e clamava por abastecimento; para alcançar o grupo de combate, entretanto, era necessário transpor uma área descoberta batida pela fuzilaria intensa; daí, vários já tinham saído para o hospital de sangue; claro que ninguém se animava a levar alimentação para a metralhadora calada. Foi quando, inesperadamente, assistimos o comandante abandonar o abrigo, lançar aos ombros um cunhete de munição, atravessar semi-encurvado a área mortífera, entregar a carga aos combatentes e voltar pelo mesmo caminho ao pôsto de observação, indiferente ao zumbido incessante das baías.

Quem titubearia face a tão edificante exemplo?!

O resultado foi que não se registrou uma deserção sequer!

Assim, salvou-se o túnel e assim foi salva a revolução Constitucionalista. Muito provavelmente ela não hou-

vera existido, não fosse a ação daqueles dois chefes! Tudo isso aconteceu no dia 15 de julho de 1932.

Daí para diante passou o túnel a contribuir com a maior quota de sangue para a revolução paulista. Os mortos, que a princípio eram mandados a sepultar em Cruzeiro, passaram a ser inhumados ali mesmo, no leito da via férrea ou à sombra das bananeiras, “a fim de não quebrantar o ânimo da população e das tropas” estacionadas naquele entroncamento da rede Sul Mineira com a Central do Brasil.

Devem encontrar-se por lá, ainda hoje, esqueletos varados pelas badas da ditadura!

O estado-maior ditatorial concentrou sua maior potência de fogo sobre o túnel, visando Cruzeiro. Góis Monteiro no comando em chefe das forças federais, dirigia pessoalmente as operações. Traçou planos de assalto. Castigou vigorosamente com artilharia pesada, inclusive um enorme canhão de cano longo sobre gôndola ferroviária que se escondia sorratamente atrás do barranco, depois de cada mortífero “schrapnel” que nos enviava. Picos à nossa direita e à esquerda, tidos como inacessíveis, serviram-lhe não só para ninhos de metralhadora como para base de artilharia de montanha. Ficamos praticamente sem ângulo morto de tiro. Os petardos e rajadas vinham de enfiada para dentro das trincheiras, de flanco, em tiro direto, com alça zero. Tentaram inúmeros assaltos inclusive de carros blindados e aviação.

Foram sempre repelidos.

Não escapavam sequer as instalações de abastecimento nem os serviços médicos, à boca do túnel. O sepulta-

mento havia que ser feito à noite ou durante o nevoeiro, nossos melhores aliados. Até mesmo as ambulâncias eram tenazmente perseguidas. Mércio Prudente (se a memória não me trai, era êle mesmo) vivia encarapitado nos postes, emendando fios telefônicos cortados à bala. A ambulância que o transportou, com um estilhaço entre os olhos, e na qual também fui removido para o Hospital de Sangue de Cruzeiro, seguiu batida pe'a artilharia durante largo trecho da estrada.

Mas, pelo túnel, ninguém passou.

Inexpugnável, permaneceu até o fim.

Graças a quem? Graças àquele chefe que no dia 15 de julho caminhou resolutamente para a morte, em defesa da Revolução Constitucionalista.

Quem sabe se você, Helena, coração puro e mentalidade compreensiva,

não poderia, depois de tudo o que lhe contei, ajudar a história na reabilitação dum homem que nem sabemos se ainda vive, preenchendo com o seu nome as reticências que deixei acima?!

Sabe qual o crime que lhe imputaram para bani-lo?

Teve a coragem cívica de enfrentar a pecha de traidor, a fim de salvar São Paulo do saque, da desonra, de sofrimentos, que absolutamente jamais se justificariam, tratando-se, como se tratava, de uma luta entre irmãos, por uma divergência cujos motivos o tempo acabaria apagando, como realmente apagou no decorrer destes vinte e seis anos.

Será mesmo traidor? Ou será antes um mártir !

Seu nome? Herculano de Carvalho e Silva.

JOVEM!

VOCÊ QUE PRETENDE SER OFICIAL
— DA FÔRÇA PÚBLICA —

INICIE DESDE JÁ SEUS ESTUDOS — MATRICULE-SE NO

CURSO MILITIA

Patrocinado pelo Clube dos Oficiais

que nos últimos exames de admissão
ao Curso Pré-Militar apresentou
maior índice de aprovação

Número de vagas limitado a 25 em
cada classe, para melhor
aproveitamento dos alunos

Informações: Telefone 32-2884

QUESTÕES DE ENSINO

ESPECIAL PARA MILITIA

Prof. Hans Peter Heilmann
(Do Colégio Estadual de Capivari)

* * *

A Importância da Física no Ensino e na Vida Prática

De tôda as ciências, é a física que mais se relaciona com o nosso conforto pessoal. Servimo-nos dela a cada passo, desde o instante em que, ao despertar, acendemos uma lâmpada elétrica, até aquêle em que uma campainha avisa do fim da jornada de trabalho.

Desde os tempos mais remotos, a argúcia e o espírito de observação dos homens conseguiram colocar a seu serviço os fenômenos e as forças da natureza. Conta-se que Arquimedes, sôzinho mantinha em xeque todo um exército sitiante: construía guindastes que levantavam os navios do inimigo, despedaçando-os de encontro às rochas. Também as pirâmides do Egito, essas maravilhas de imponente e perfeição, falam-nos do conhecimento profundo dos fenômenos da natureza.

Diga-se de passagem: a física é simplesmente isto — o conjunto dos fenômenos da natureza. Não adianta uma teoria, por mais elaborada que seja, se não for confirmada pelos fatos. É o que dizia um célebre professor, advertindo os alunos sobre o perigo de estragarem aparelhos por imperícia no manejo: «Os aparelhos sempre têm razão». E nós poderíamos dizer, por extensão: «A natureza sempre tem razão». Nossas explicações e teorias devem adaptar-se à natureza; não podemos esperar que esta se adapte a nós.

Mas também — e principalmente — em eras mais recentes, a pesquisa física incansável tem proporcionado ao homem os inventos mais notáveis; conquistas modestas, a princípio, mas de importância fundamental: o microscópio (de Leuwenhoek), o telescópio (de Galileu) a máquina a vapor (de Robert Fulton) e tantas outras. A isso, seguiu-se o desenvolvimento da eletricidade e toda a vasta série de aparelhos domésticos que hoje fazem parte integrante de nossa vida diária. O advento da válvula eletrônica permitiu a expansão colossal da radiotelefonía, e o controle automático. E o transistor, minúsculo dispositivo que se destina a substituir com grande vantagem as custosas válvulas, abre-nos a perspectiva de um progresso ainda maior. E o que dizer da aviação, esse milagre da era moderna?

São esses aspectos que devemos frizar em nossas aulas. Mas o ensino de física não visa apenas o fim cultural e informativo. A época que se aproxima, de intenso progresso técnico, reclama cada vez mais técnicos e engenheiros. O aluno deve levar da escola secundária o amor à ciência, como já dissemos, mas também um mínimo de preparo que lhe permita amanhã enfrentar um estudo especializado. Para isso, devemos prepará-lo, ensinando-lhe a atitude correta. E o que será objeto da nossa próxima crônica.

N. dt R. — Por um lapso, em artigo do prof. Hans Peter Heilmann, intitulado «O Primeiro Reator Atômico da América Latina» e publicado em nosso número 73 (janeiro-fevereiro de 1958), foi omitida uma linha, o que acarretou a inversão do sentido da frase. Assim é que, à página 35, terceiro parágrafo, onde se lê «a FISSÃO, que consiste em reunir vários átomos leves para formar um átomo mais pesado», o certo, redigido pelo autor, é: «A FISSÃO, que consiste em fragmentar um átomo pesado em 2 átomos leves, e a FUSÃO, que consiste em reunir vários átomos leves para formar um átomo mais pesado».

IDADE DA RAZÃO

TEN. CEL. L. F. SILVA WIEDEMANN
(da Soc. Brasileira de Sociologia)

Coube, talvez a nós os homens do século XX, a enorme responsabilidade de deixar para os de amanhã, como uma das maiores aquisições, a maneira de melhor pensar num mundo propício à sobrevivência humana, baseada num espírito de compreensão e solidariedade.

Se, ao dealbar de nossa época, é que se vão firmando as ciências praticamente humanas, entre as quais sobressaem a psicologia e a sociologia, como estudos da unidade pessoa a primeira, e de seu conglomerado em sociedade a segunda, por que não aplicarmos os seus conhecimentos, as suas bases, a sua evolução, em prol deste elemento, que dentro do tecnicismo atual, é o menos conhecido — o homem?

Sabemos que, mesmo após as duas últimas guerras de que fomos testemunhas, ainda vivemos entre sombras e luzes. Se entre os dois polos não procurarmos manter só o segundo, caber-nos-á, por certo, uma grande responsabilidade quanto às gerações vindouras.

Parece-nos, pois, que tudo estará para nós condicionado a julgarmos os fatos, elevarmos nossos pensamentos, pesquisarmos as nossas atividades, dentro do mais puro e acentuado raciocínio e vivermos de sã consciência, a idade da razão.

Dentro ainda das ciências, antigas ou modernas, as terminologias têm variado de maneira extraordinária. Reconhecemos que palavras, empregadas que o foram durante grande tempo, com certo significado, adquiriram outros e, por muitas vezes, acabaram por perder o seu sentido primitivo. Assim poderemos citar, entre algumas, o vocábulo **cultura**, a respeito do qual poderão ser feitos verdadeiros compêndios. Isso torna-se ne-

cessário citar, porque, escrevendo este nosso artigo para todos os leitores que tiveram a curiosidade de lê-lo, teremos que apresentar a nossa argumentação em torno de seu título, não em sua totalidade, uma vez que, **idade** significa era, tempo, período, quadra, época, mas sim no que diz respeito à **razão**, isto é: raciocínio, equidade, entendimento, justiça.

Para tanto, nós, os do atual período em que o mundo vive, já temos bem desenvolvido o nosso raciocínio. Haja vista o grau adiantadíssimo da ciência, chegando até à desintegração do átomo.

Quanto à **equidade**, a tendência social moderna, tornando todos iguais perante a lei, já procurou estabelecer uma uniformidade tal que deverá ser atingida nos demais setores das contingências humanas, será, assim, um mundo de elevação espiritual, de formação de ambientes sãos e construtivos, pondo de lado a injustiça, a inveja, a vaidade, a ingratidão e a incompreensão, que ainda perduram no elemento humano.

Para conseguirmos alcançar esse objetivo precisamos, mais do que nunca, de **entendimento**. E como conseguiremos? Dissociando-nos? Se por força da nossa formação social já integramos vários grupos sociais, formadores que são de nossa personalidade, por que ainda procuramos nos distanciar ou mesmo nos repelir, criando dentro de nossa sociedade entidades com o mesmo objetivo, quando poderia existir somente uma que congregasse valores? Assim, verificamos a superposição de finalidades que só serão atingidas por um determinado grupo: o intelectual, moral ou religioso, criando castas, quando se, continuando com classes abertas, no alto sentido democrático.

para aquêles que, mesmo diferindo em credos ou crenças, dado o livre arbítrio que nos rege, possam em atividades proveitosas à comunidade que habitam, estar unidos para os mesmos fins, de progresso, de cultura, de patriotismo e de humanidade.

Verificamos, por certo, que através da nossa formação cultural, nós os brasileiros, primamos pelo individualismo. Mas, encarando os problemas e as soluções a que chegaram os povos do mundo inteiro e mesmo alguns brasileiros, comprovamos que, sem o trabalho de equipe, não teríamos alcançado o desenvolvimento científico que atingimos. Quantos cientistas, heróis e sábios ficaram e, talvez, morreram no anonimato em prol do desenvolvimento da ciência, de um ideal, de uma pesquisa. Não poderemos trabalhar, sobretudo a favor da coletividade, individualmente, a maior parte das vezes. A sociedade existe, não vivemos segregados, o mundo é todo um só.

As emprêsas mais importantes, bem como as indústrias e os órgãos de grande produtividade, funcionam porque há integral **entendimento**, cooperando todos em torno de um problema, de um objetivo, de um fim a atingir. Não é o indivíduo que aparece e sim a organização que o **realça**.

Não é possível, atualmente, no mundo, apresentar-se um trabalho eficiente e duradouro sem a coparticipação de uma equipe. Os exemplos mais comecinhos isto nos ensinam. Em torno da construção de uma casa, desde a procura do ter-

reno, planta, transações financeiras, construção e o "habite-se", gira um conjunto de repartições, agências, construtores e proprietários. Não se faz um planejamento, e atualmente quase tudo é sempre programado com a devida antecedência, sem um trabalho de conjunto.

Precisamos, pois, executar o nosso labor coletivo sempre com amplo entendimento, não o seccionando em diversos setores.

Poderemos notar que em algumas comunidades são tantas as atribuições ou funções, muitas vezes semelhantes, que recaem sempre sobre determinados indivíduos e êsses só as poderiam desempenhar a contento, se fossem onipotentes.

Resultados, talvez, de falta de entendimentos prévios, de coesão, de vaidades desmedidas, de receios de competições, de falta de confiança em si mesmo é que vão, muitas e muitas vezes, desagregando o espírito social de cooperação, de entrosamento e de amor, da comunidade.

Se passarmos à **justiça**, a deusa dos olhos vendados, a eterna esperança dos homens, para que ela exista de verdade, real e perfeita, objetiva e eficiente, aquilo que tudo aspiramos para nós e para os nossos, seja-o também para os outros, equânime e sobranceira.

Possamos, pois, já que vivemos a **idade da razão**, dar aos que nos sucederem um mundo cheio de luzes, de raciocínio, de equidade, de entendimento e de justiça.

CURSO GRATUITO DE TAQUIGRAFIA

A Escola Modelo de Taquigrafia, dirigida pelo prof. Sérgio Thomaz, abriu matrículas ao novo curso de taquigrafia por correspondência que terá a duração de cinco meses, após o que serão conferidos diplomas aos alunos aprovados em exame final. Para maiores informações escrever à Escola Modelo de Taquigrafia, rua Barão de Itapetininga, 275, 9º. andar, sala 91, Caixa Postal, 8600, fone 36-7659. São Paulo.

EM TÔRNO DE ENEIDA

Conto de W. J. M.

MAS não houve escândalo nenhum? Você não viu desordem?

— Nada, seu tenente.

— Então, por que chamaram a polícia?

— Ah, foram os velhos da casa onde ela morava que assustaram os vizinhos! Mas só susto.

— E por que assustaram os outros?

— Bem, me contaram uma história. Não sei se é verdade, mas a coisa parece que foi assim...

E o soldado passou a narrar o que ouvira.

— Não se abofe, general que o seu horário não terminou.

Hamilcar riu do palpite do colega.

— Não, agora é que a coisa vai começar — disse. E saiu mas, voltando-se antes de chegar à porta, acrescentou: — Albino, se o chefe perguntar por mim, já sabe... Morou?

O colega tranqüilizou-o e ele saiu.

— O Albino — epinou Venâncio, aproximando-se — ele não dá folga, ein?

Os dois riram.

No outro dia, ouviram da boca de Hamilcar a aventura da noite. O protagonista quis levá-los ao próximo encontro. Acharam graça da pilhéria, mas ele insistiu. Fazia questão cerrada. Afirmou que já havia falado com ela a esse respeito e ela queria conhecer os colegas. Albino defendeu-se:

— Parado, velhinho! Pra cima de mim não.

— Vá você, Hamilcar — ajuntou Venâncio. — Vá sozinho e... bom proveito!

E'te voltou à carga, com uma série de argumentos. Estava doido, evidentemente. Doido varrido. Queria ir a um encontro amoroso, levando, os dois. Era só o que faltava! Mas Hamilcar não se deu por vencido e garantiu que a coisa seria bem feita. Todos a encontrariam em casa de uma sua colega onde haveria uma festa naquela noite. Mencionou o endereço. Albino sentenciou: «uma farsa a que não me presto». Venâncio, como de costume, concordou com Albino. Depois de tudo ficou decidido:

Hamilcar, «general tenebrosa das noites suburbanas». (expressão de Albino) que fosse só. E os três se separaram.

A hora marcada, lá foi Hamilcar, só e contrariado. Mas os primeiros que encontrou foram os dois colegas, que não lhe deram tempo de expressar sua surpresa. De maneira ríspida, Albino afirmou que estavam ali para procurar uns conhecidos. Nada queriam com os amores de «galãozinho cabloco». E entraram os três. Sem demora, fizeram-se as apresentações. De início, a palestra foi protocolar e cheia de constrangimento. Mas logo se tornou mais alegre e, por fim, Hamilcar apreciava amigos íntimos. Albino readquiriu prontamente sua natural laquacidade, no que foi acompanhado, como sempre, por Venâncio. Só Hamilcar permanecia silencioso, limitando-se a responder por monossílabos as poucas perguntas que lhe dirigiam. Horas depois, os dois conversadores saíram e foram comentando pelo caminho.

— É um anjo! exclamava sentenciosamente Venâncio.

— Ingênuo, — emendava Albino — o que não impede que tenha seus complexos. E não creio que o Hamilcar seja capaz de curá-la.

Venâncio suspirava.

— E tem um bonito nome — dizia — Eneida...

— É digna do nome que tem, pois vale um poema. Bem ela merece coisa melhor. Mas não teve sorte: foi tropeçar logo num Hamilcar mal ajambrado. Bem, afinal ele tem valor e inteligência. De certo usou a tática mais indicada para a conquista.

— Espero que seja honesto com ela.

— Conosco sempre foi, com mu'heres nunca que eu saiba. Enfim, talvez seja uma necessidade para ela, que precisa de uma fuga. Você viu que ela é filha única vive longe dos pais e trabalha para se manter. Sofre intimamente. E, para libertar seus recalques, precisa externar os sentimentos, tem que desabafar.

— Mas fala pouco.

— Sim, mas se liberta por ações. Pra ajudá-la qualquer estrepe serve.

— Até o Hamilcar

Ele mais que ninguém, se quiser. Mas, seja como for, ela vai adquirir um pouco mais de experiência, mesmo que depois sofra o dóbroy. Vai aprender alguma coisa.

Pra que?

— Pra que?! — repetiu Albino. — Ora para... seu lá! Mas não importa, sempre há de ser um resultado da brincadeira... Se ao menos a bricadeira dela fosse com...

— Com um de nós dois...

— Ai... — disse Albino. Mas não continuou e Venâncio achou melhor respeitar o silêncio do amigo.

E os dias passaram monótonos, no ramerrão do escritório.

Afinal, Hamilcar explodiu:

— Não agüento mais. Ela quer me absorver. Dia e noite me seguindo, me procurando em tôda parte, me espionando. Vocês estão vendo como me telefona a tôda hora. Como é que vou fazer?

Sem resposta, continuou, propondo:

— Por que um de vocês não fica com ela?

Os olhos de ambos brilharam mas, com meio sorriso, quiseram saber como.

— Ora, é só querer. Eu não piso mais lá. Já dei ordem pra dizerem que não estou, quando ela telefonar. Por isso, ela sempre acaba chamando um de vocês no meu lugar.

— Mas — aventuou Venâncio — ela só nos procura por sua causa.

— Qual! O que ela quer é homem, seja lá quem for.

Daquele dia em diante Albino e Venâncio passaram a encontrar-se com ela, alternadamente e, às vezes, ao mesmo tempo. Ela se tornou íntima de ambos e, por fim, não havia mais segredos entre Eneida e eles. que passaram a dividir os afetos dela entre si. E souberam de tôdas as mínúncias referentes a Hamilcar. Ela confessou mesmo que esperava um filho. Chegaram a pensar que fosse um dos dois, mas ela desfez as dúvidas, esclarecendo que era Hamilcar. Continuaram tendo intimidade com êle, mas sem nada dizer de Eneida em sua presença, inicialmente. Afinal, decidiram resolver a situação. Um dos dois deveria passar a viver só com ela e adotaria o filho. Ela que escolhesse. E ela concordou, sem indicar o preferido, mas exigiu uma condição que ambos aceitaram sem relutar: casamento. No dia seguinte escolheria o marido.

Tudo isso, contaram ao amigo, que estranhou:

— Casar!

Afirmaram que estavam dispostos, ao contrário dêle, que nada queria de sério. Hamilcar achou graça e cumprimentou os dois com uma alegria expansiva. Durante o dia não parou de rir e de falar alegremente a propósito de tudo. Várias vezes mostrou viva curiosidade em saber o que aconteceria.

Quando chegou o momento da decisão, Albino e Venâncio foram juntos à casa de Eneida. Iam conversando pelo caminho. Não se preocupavam em saber quem seria o escolhido. Já estava decidido que seria um dos dois e ambos sentiam-se premiados. E comentavam o estado de espírito de Hamilcar.

— Está contente — dizia Venâncio, ao que Albino acrescentava:

— Louco para se ver livre de mais uma de suas vítimas. Interessante que não parecia acreditar e queria ver a situação logo resolvida. Afinal, é humano, e não é de todo mau. Mas a vista da Eneida há de ser sempre um tormento pra êle. Que tal se a gente fizesse uma coisa?

O que?

— Fugir. Que o escolhido desapareça com ela o mais cedo possível. Ela quer casar, mas não importa. É uma formalidade que a fuga não impede. E dá um pouco de tranqüilidade aos dois. Sim, o Hamilcar também precisa. Não tenho razão?

— Não há dúvida, é boa a idéia.

A fuga ficou assentada. Ao chegarem, a porta se abriu logo que bateram. Mas, em vez de Eneida, apareceu o velho, que lhes entregou um envelope fechado e desapareceu, batendo a porta. Albino abriu e leu, com o cenho franzido. Depois o passou o papel a Venâncio e êste leu em voz alta:

«Albino e Venâncio. Perdoem-me. Não posso fazer senão isto: fugir com o Hamilcar, que já está aqui ao meu lado. Foi decisão de última hora, mas é a melhor. Mil desculpas e uma abraço da Eneida».

Os dois trocaram um olhar de estupefação. Afinal, riram-se e foram embora aliviados.

APRENDA INGLÊS EM UM ANO! **(BASIC ENGLISH)**

ESCOLA "GENERAL RONDON"

onde V. também poderá fazer curso de

- CHEFIA DE SECÇÃO DO PESSOAL
- AUXILIAR DE ESCRITÓRIO
- CUSTOS INDUSTRIAIS
- ALEMÃO (PRÁTICO)

Rua Voluntários da Pátria, 2319 - 2.º andar - S. Paulo

DESDE tempo imemorais o homem tem procurado, por mil e uma maneira uma substância qualquer, um medicamento ou um método para prolongar sua existência. Já no tempo da alquimia, precursora da química e medicina atual, os então sábios, as bruxas e feiticeiras descobriam filtros do amor, filtros para a felicidade e, até misturando infusões com vísceras de animais sacrificados, diziam ter o poder de curar tudo e a todos, haver descoberto o "elixir da longa vida". Mas qual! Esse tem sido o sonho eterno da

cemos uma medicação, um remédio contra a velhice, comprovado e provado cientificamente. Não ria, abandone esse sorriso de sarcasmo e preste atenção: **JÁ POSSUIMOS UMA ARMA PODEROSA PARA COMBATER A VELHICE.**

A notícia nos chegou do Congresso Internacional de Geriatria (estudo da velhice) realizado na Alemanha há poucos meses. Uma professora rumena, de Bucareste, lançou essa verdadeira BOMBA, que deixou tôda a assembléia estupefata, sendo de notar que o certame

Descoberto Finalmente o Elixir da Longa Vida

Cap. Médico Plirts Nebó

humanidade. Quantas vidas inteiras não foram sacrificadas pelas horas de pesquisa, de estudo e árduo trabalho em vão!... Tudo não passava de mera fantasia. Era uma luta da vida pela vida, uma luta da vida contra a morte.

O tempo implacável caminhava ligeiro e os cabelos embranqueciam, e rugas desenhavam a estranha gravura da senilidade no rosto daquele que em vão dedicava sua mocidade à luta por uma sobrevivência maior.

Todos conhecemos o sonho de Fausto, que fez o pacto com o diabo, para que o tornasse jovem. Mas como em todas as histórias, era apenas um sonho.

Pois bem, leitor, por mais incrível que pareça, por mais inverossímil que seja, hoje existe algo... Sim, já conhe-

era composto dos mais ilustres médicos do oriente e ocidente.

Em seus trabalhos, relata que o novo produto, aliás bastante conhecido dos médicos de todo o mundo, porém em determinada dosagem e associado a outras substâncias, provocava o **REJUVENECIMENTO**. Cita a referida professora que em seus arquivos estão fichadas aproximadamente 40.000 pessoas centenárias; que a essa idade chegaram graças ao milagroso produto. Assim, um de seus clientes, com 156 anos, sentir-se-ia em perfeita saúde e gozaria de tôdas as suas faculdades mentais. Outro com "apenas" 96 anos e que sofria de esclerose cerebral, estaria completamente curado e restabelecido, vivendo como um jovem de 40 anos, com seus cabelos, outrora brancos e atual-

mente negros. Tratar-se-ia de um grande matemático que há 30 anos abandonara a profissão. Após alguns meses de tratamento, segundo a relatora, voltou a fazer seus cálculos integrais e discutir política. Narrou ainda que um armênio dera entrada no Instituto de Padiola, retido no leito havia anos, por uma forma hiper-aguda de reumatismo e atualmente faz questão de demonstrar, aos médicos e visitas, sua esplêndida forma, praticando brilhante exibição de ginástica sueca e mostra arrogantemente os tufos de pelos negros que reapareciam em sua cabeleira e na barba.

Conta-nos ainda a professora, que havia, lá, vários escapados da arterioesclerose e que alguns paralíticos, desde as primeiras injeções recobravam sua lucidez e os sintomas e sinais de sua apoplexia começavam a desaparecer.

A medicação, teria demonstrado eficácia absoluta contra a senilidade, a manutenção do vigor na hipertensão, em alguns casos de reumatismo, nas anquiloses, na CALVICIE, na CANICIE (cabelos brancos), nas úlceras gastro-duodenais, nas úlceras das pernas, em vários casos de lepra, com melhoras das dores e em algumas moléstias da pele.

Não satisfeitos com essa verdadeira panacéia de seus artigos, resolvemos iniciar os estudos e entabular correspondência com os vários professores e médicos da Alemanha, Bulgária e França. De lá nos chegaram informes preciosos.

trabalhos, fórmulas e, de posse de todo esse material, iniciamos as pesquisas. Com a preciosa colaboração de vários colegas, não só do nosso H.M., Serviço Farmacêutico do S.S. e vários outros amigos, doentes e colegas, pudemos e estamos preparando amplo material discriminadamente científico, para enviar a essa professora rumena e, até o presente, temos constatado a veracidade do que antes julgávamos impossível.

Temos como exemplo o sr. B.B., com 60 anos, que se apresentava esgotado, cançado com dores reumáticas da coluna e dos joelhos, o que o impossibilitava de exercer suas funções, com a cabeça inteiramente branca. Hoje, com apenas três meses de tratamento, se encontra perfeitamente rejuvenescido, fazendo flexões do tronco e joelhos, seus cabelos nascem e crescem negros numa porcentagem de 90%, sua vitalidade aumenta progressivamente, seu espírito de luta voltou e, na sua expressão, diz: "sinto-me outro".

A sra. M.A.H., enfermeira, de 48 anos, encontrava-se cansada, com cabelos completamente brancos, envelhecida, apesar da pouca idade. Com apenas um mês e meio de tratamento, sente-se perfeitamente bem, com ótima disposição, cabelos negros na porcentagem de 80%.

O Dr. A.P.S. com 78 anos, abandonara a leitura por má visão, hiper-

tenso e com arterioesclerose generalizada. Com 3 meses, está lendo perfeitamente, sem auxílio de óculos e sua pressão arterial se normalizou.

E assim seguem-se os casos. Temos atualmente em tratamento 28 pacientes com várias enfermidades, incluindo homens velhos, de meia-idade e jovens envelhecidos. Todos sentem-se rejuvenecidos.

Vêm os senhores que já possuímos uma grande arma no combate à velhice e, principalmente, à velhice precoce. Não será a vida eterna, mas é algo de maravilhoso a recuperação dessas pes-

soas que a usura do sistema nervoso e a decadência senil os impossibilita de seus afazeres, os afasta de suas diversões e até da sociedade; pois atualmente os velhos são relegados a um plano secundário. Mas, restabelecidos e rejuvenecidos, quanto valem à sociedade, com seus anos de experiência, com sua inteligência e memória e com seu tirocínio administrativo?

Dizia o grande sábio Leriche que o homem foi feito para viver, em média, 150 anos; o que necessitamos é algo para combater essa infame moléstia — a velhice.

SE VOCÊ TEM *INCLINAÇÃO*
E DESEJA ASSEGURAR O SEU FUTURO
APRENDA DESENHO

INSTITUTO TÉCNICO OBERG

(NÚCLEO DE ENSINO PROFISSIONAL LIVRE)

RIO - S. PAULO - NITERÓI - B. HORIZONTE - P. ALEGRE

CURSOS DE DESENHO

**ARQUITETÔNICO - DEC. INTERIORES
PROPAGANDA - MÁQUINAS
AQUARELA - CARTAZES - MODAS**

NOSSOS MÉTODOS DE ENSINO, CONCENTRANDO-SE NOS PONTOS MAIS IMPORTANTES E ELIMINANDO O SUPÉRFLUO, FARÃO DE VOCÊ EM APENAS 10 MESES, UM PROFISSIONAL COMPETENTE, CAPAZ DE ELEVADOS SALÁRIOS

AULAS DIURNAS E NOTURNAS

—:—

MATRÍCULAS EM QUALQUER ÉPOCA

AV. RANGEL PESTANA, 2163
1.º ANDAR - SALAS 12 e 13 — BRÁS

RUA 24 DE MAIO, 104
6.º ANDAR — SÃO PAULO

Banco do Estado de S. Paulo S. A.

CAPITAL REALIZADO: Cr\$ 500.000.000,00

DEPÓSITOS — EMPRÉSTIMOS — DESCONTOS — CÂMBIO
— COBRANÇAS — TRANSFERÊNCIAS — TÍTULOS —
COFRES DE ALUGUEL — DEPÓSITOS NOTURNOS

73 AGÊNCIAS NO ESTADO DE SÃO PAULO E
7 EM OUTROS ESTADOS

AS MELHORES TAXAS — AS MELHORES CONDIÇÕES —
RAPIDEZ — EFICIÊNCIA

AGÊNCIAS NO ESTADO DE SÃO PAULO

Adamantina	Gália	Piraçununga
Aeropôrto de Congonhas (Capital)	Guaratinguetá	Pompéia
Andradina	Ibitinga	Presidente Prudente
Amparo	Itapetininga	Presidente Venceslau
Araçatuba	Itapeva	Quatá
Araraquara	Itu	Rancharia
Araras	Ituverava	Registro
Atibaia	Jaboticabal	Ribeirão Preto
Avaré	Jau	Rio Claro
Barretos	Jundiaí	Santa Cruz do Rio Pardo
Batatais	Lencóis Paulista	Santo Anastácio
Bauru	Limeira	Santos
Bebedouro	Lins	S. Bernardo do Campo
Birigüí	Lucélia	São Carlos
Botucatu	Marília	São João da Boa Vista
Bragança Paulista	Mirassol	São Joaquim da Barra
Brás (Capital)	Mogi-Mirim	São José do Rio Pardo
Caçapava	Novo Horizonte	São José do Rio Preto
Campinas	Olímpia	São Simão
Campos do Jordão	Ourinhos	Sorocaba
Casa Branca	Palmital	Taubaté
Catanduva	Penápolis	Tanabi
Dracena	Pinhal	Tietê
Franca	Piracicaba	Tupã
	Pirajúi	

AGÊNCIAS EM OUTROS ESTADOS

Anápolis — Goiás	Pôrto Alegre — Rio Grande do Sul
Goiânia — Goiás	Rio de Janeiro — Distrito Federal
Campo Grande — Mato Grosso	Uberlândia — Minas Gerais
Natal — Rio Grande do Norte	

M A T R I Z :

PRAÇA ANTÔNIO PRADO N.º 6 — SÃO PAULO

CAIXA POSTAL, 789

Enderêço telegráfico: BANESPA

DESDE que na Alemanha, entidades particulares se interessaram pela prestação da assistência médica organizada e o Estado, aproveitando-as, regulamentou o assunto com seguro enfermidade (1883), acidentes (1884), velhice e invalidez (1889), o tema vem sendo norteadado, em cada país, pela evolução, principalmente, das coordenadas político-econômico-sociais de cada comunidade.

ciência e o elevado padrão do ensino médico, sobressaiu, com destaque, no 23.º meeting do «America College of Chest Physicians» e no 106º Congresso da «America Medical Association», há pouco afetuado em New York City. Na prática funciona proficuamente não só no tocante à relação medico-paciente e de ambos com os órgãos oficiais, como pela vigília assídua da higidez dos membros da família americana e aplicação,

MEDICINA AMERICANA

GLAUCIO BANDEIRA
CURITIBA -- PARANÁ

De um modo geral os divisores — seguro doença compulsória e o voluntário — vêm se mantendo imutáveis, por todos estes anos, equidistantes como paralelas, permitindo inúmeros desempenhos, conjunções amplas, até profundos embricamentos.

No compulsório, sob administração do governo, surge a socialização e, deste tipo, já abordamos, nas páginas de «Laboratório Clínico», a «Socialização da Medicina na Inglaterra» com dados colhidos inclusive na «British Medical Association».

O «seguro doença» voluntário desenvolveu-se, célere, com extensão e profundidade, nos EE.UU. onde serve como paradigma do sistema. Sua influência no preservar, ciosamente, o quilate da medicina como

ampla e segura, das novas aquisições científicas. Tudo isso se reflete, incisivo nas barras estatísticas de Saúde Pública e, com especial ênfase, nos novos, mais dilatados limites da vida humana — motivo pelo qual a geriatria, como esplêndida especialidade, vem tendo sensível e progressivo desenvolvimento nos últimos anos.

Mesmo tentando bosquejar a medicina americana, pelos traços relevantes surgem três ordens de considerações: 1.º) de caráter geral, 2.º) sobre a organização oficial de saúde pública e 3.º) quanto ao «seguro doença».

Na primeira sobressaem:

a) Pelo nível cultural, padrão de vida, salvaguarda das condições

orgânicas, do povo em geral, campanhas educativas, etc., a clínica particular não é capítulo do passado para os profissionais americanos, ou ideal nati-morto para os recém-formados. O americano tanto procura o médico pela mínima necessidade como usa do «seguro doença» ou «hospitalar» através entidades particulares, de extensão tal, que agem não só nos EE. UU. como no estrangeiro, atendendo os segurados. Na prática a competição, pelo valor profissional, é regra pura e simples.

b) A «**American Medical Association**» tem se oposto, tenazmente, em todos estes anos, à socialização da medicina. E quando dizemos Associação usamos do termo com todo o vigor: a classe coesa no resguardar seus direitos, o valor científico da medicina que aplica, ensina, deseja. Com isso vem evitando, até certo ponto, o contraste existente em outras nações: a socialização de uma única classe — a médica — pensada entre outras que não obedecem o mesmo jugo político-social.

Agrupando mais de 145.000 sócios a A.M.A. vem mantendo aceso combate aos projetos de lei que o «estatismo» médico proposto pelo Wabner Act, em 1939 — «**compulsory sickness insurance**» seguido de outros simplesmente intitulados «**The National Health Act**», como não tem descurado em procurar coibir a expansão cada vez maior que os políticos vêm concedendo a — V.A. — (**Veterans Administration**), oriunda de uma emenda do Congresso em 1917, ao «**War Risk Insurance Act**», cujo fim específico era o de amparar ex-combatentes inválidos. Tal expansão, tida como «**The Trojan**

Horse» para socializar a medicina, tem conseguido, mau grado todos os esforços em contrário, ampliar os benefícios e atende, a partir de 1923 os veteranos de todas as guerras, ocupações militares e expedições, em qua'quer procura de cuidados médicos e hospitalares, mesmo para causas não vinculadas a incapacidades ligadas ao serviço militar. Sobre tal expansão eis a estimativa apontada no «**The Journal of the American Medical Association**» (Ou. 27 1956): «**Through the VA program, we already have socialized, tax-paid, government-controlled medicine for one-eight of our population.**»

O pensamento do órgão de classe é patente numa de suas publicações — «**Our positive program**»: «**The Medical Association believes that voluntary health insurance provides one of the best methods by which the average American can finance a substantial portion of his medical and health costs.**»

Assinalando o entrechoque entre assistência voluntária e a compulsória devemos frisar o pensamento dominante do qual todas as estratégias em vigor. «**The Indianapolis Star**» abordando «**Keep Health Insurance Voluntary**» assim se expressou: «**As we have stated repeatedly in the past, it is a sound principle of government that government should never invade a social welfare field in which private or semi-public agencies are able and willing to provide what is needed. It seems clear that insurance industry has the capacity and is now showing the willingness to handle this special and long neglected field of catastrophe health insurance.**»

Tais palavras alcançaram um sentido objetivo analisando a estatística do «The Health Insurance Council» de agosto de 1956, onde se retrata a atual situação da medicina americana:

«During 1955, the number of people in the United States with hospital expense protection increased by 6.1 percent, to a new high of 107,662,000. This growth rate was over three times as rapid as the rate of growth for the civilian population of the United States (which was about 1.9 percent). For surgical expense protection, the numbers covered grew at a rate of 7.0 percent — over 3½ times as fast as population growth. The number with surgical expense protection at the end of 1955 was 91,927,000. Regular medical expense protection grew at the even more rapid rate of 17.5 percent — over nine times the rate of population growth — and the number covered at the end of 1955 was 55,506,000.

c) A remuneração dos serviços médicos não foi depreciada, de um modo geral, como em outros países. Isso porque, lá, qualquer gênero de trabalho merece a justa recompensa. O pagamento condigno do serviço de outrem é princípio sagrado.

Tais incidências de apreciação permitem conclusões imediatas: encarecida a ciência como ideal, e a profissão no que possui de sagrado, preservaram a qualidade do ensino médico, o afã permanente e crescente da pesquisa e a prática clínica de escol, até mesmo pela atualização de conhecimentos dos médicos, com periódicos estágios hospitalares espontâneos.

O interesse da pesquisa, a dedicação ao que denominam «projeto» é tão intensa que chega a constituir carreira, definir universidades, equipes de professores. Nos hospitais, especialmente aqueles sob a égide de universidades, quando um caso desperta a curiosidade científica, todos os exames, controles, «follow-up», durante anos, são livres de despesas para o doente que se submete às provas de laboratórios, testes, raios X etc., com inimitável espírito de compreensão e cooperação. Assim, o tema que «project» é um tema que vai ser dissecado até o âmago, é o estudo de um problema até seu total domínio, é perquirir fenômeno biológico ou patológico até o limite dos conhecimentos atuais.

Ainda na questão ensino não devemos passar por alto sobre a uniformidade do elevado padrão em todo o país. Seja em New York, em Filadelfia, em Chicago ou qualquer cidade, é sempre ministrada com a mesma dedicação e amparo material e humano o que dá, aos formados daqui, dali e de acolá, o mesmo preparo básico e a mesma envergadura profissional. A carreira de professor absorve, no grau superlativo, o intelecto, a aplicação e o tempo dos que para ela se voltam.

A pesquisa, aliás, tem tal importância, em todos os campos do saber que, com ela, poderemos fazer uma ponte para abordarmos a segunda parte do esquema inicial — a organização governamental.

Tôda ela gira em torno da «research», desde 1887. Encaminharam-na como prática básica para a conduta em medicina de saúde pública. Atualmente os «National Institutes

of Health» são o grande eixo central dos programas oficiais. Cuidam do diagnóstico, prevenção e tratamento das doenças e incapacidades do homem. Têm sede em Bethesda, subúrbio de Washington D. C. São compostos de sete institutos. Data de 1937 o «National Cancer Institute» firmados, os outros, depois de 1946: «Mental Health», «Dental Research», «Arthritis and Metabolic Diseases», «Neurological», «Blindness e Heart Institute».

Compreende ainda o N.I.H. o «Clinical Center» com 14 andares (500 camas). Além de outros órgãos se estendem pela nação com verbas custeando investigações em universidades e nosocomios. O «Clinical Center», com tôdas as facilidades para estudo é mais um grande laboratório que hospital. Os doentes, pelos seus próprios médicos, para lá são encaminhados quando necessária a elucidação de interesse científico.

Administrativamente existem três organizações de Saúde Pública, nos EE. UU., as quais se entrelaçam, harmônicamente, na ação: a Federal, Estadual e Municipal, sendo que o trabalho do «Public Health Service» engrena três divisões: pesquisa, serviços médicos e hospitalares e a prática de proteção de saúde pública propriamente dita.

O primeiro, já fixado sucintamente, abrange, pois, estudos de laboratório, clínicos, epidemiológicos, engenharia sanitária, estatística, e administrativos. Está sempre voltado para problemas contemporâneos.

No segundo, cuidados médicos e hospitalares oficiais são dispensados

a poucos grupos, assim mesmo especificados pelo Congresso: homens da «American Merchant Marine e United States Coast Guard», prisões e reformatórios do Departamento de Justiça e aos empregados civis do governo nos casos de doenças ou incapacidades adquiridas em serviço. Todavia cuidados médicos domiciliares, de âmbito estadual são prestados nas doenças mentais e tuberculose. Na jurisdição municipal são atendidos os indigentes.

No terceiro grupo a organização funciona como orientadora fornecendo assistência técnica aos Estados e Municípios. Estuda e promulga os «standards» de proteção quanto aos alimentos, com a cooperação dos órgãos estaduais e municipais, põe em execução novos métodos de prevenção e controle de doenças, de epidemias e ultimamente passou a abranger programas de defesa civil.

Compreende-se melhor a definição do «The Public Health Service» como parte do «Department of Health, Education, and Welfare» anotando que é um «indirect agent and a leader rather than a direct dispenser of services».

No capítulo «Saúde Pública» as considerações de ordem geral podem ser encerradas anotando que órgãos regionais e locais superintendem ou têm a seu cargo as atribuições que damos aos nossos departamentos: higiene pré-escolar, serviço de maternidade, nutrição, doenças transmissíveis, controle do fornecimento de água e sua poluição, das condições higiênicas dos hotéis, lugares públicos, dos alimentos, poluição do ar, etc. A complexa organização de

saúde americana, não ficará ainda totalmente delineada, mesmo de modo sumário, se não apontarmos as «voluntary health agencies» e as sociedades profissionais, em número ponderável, por todo o país, as quais suplementam, num cooperativismo valioso, a estrutura oficial. São de um modo geral, grupos organizados de cidadãos, quase sempre profissionais, da medicina ou ciências afins, que isoladamente, ou por órgãos de classe, se dedicam a problemas especiais para o bem estar da coletividade.

Da divisão inicial o terceiro grupo é, sem dúvida, o mais importante: «seguro doença». O mais importante porquanto, em toda parte, a assistência médica continua sendo vistosa manchete de plataformas políticas, a grande experiência que ainda se não definiu, a contento, para os pacientes, os médicos e governos.

Entre nós esboça-se, há muito, a necessidade de reformas na estrutura do sistema sem que tenha surgido, conciliatôriamente, uma fórmula que devolva, à medicina, as prerrogativas nobres que lhe são inerentes, não cerceie a liberdade dos enfermos, diminua, para as autarquias, o custo de um benefício oneroso especialmente pelo alto preço da máquina administrativa.

Em alguns países há o tatear cauteloso com avanços e retrocessos, noutros acometidas obcecadas quase sempre oriundas mais e ainda de manobras políticas que de um projeto sábio e promissor feito por técnicos especializados em franca cooperação com a classe, de profissio-

nais mais atingida — aquela que apesar de anos seguidos de desventura tem mantido, intangível, o mais sublime altruismo. A Associação Médica Brasileira, a «British Medical Association», a «American Medical Association» aí estão, para citarmos apenas três, como entidades que, para abdicarem de um direito próprio discutem, no tablado dos acontecimentos, o que bem de perto lhes interessa, apenas de platéia, quando plo típico e de hoje, de como são cegas as investidas políticas numa étnão de bastardia geral. Nos Estados Unidos temos, de pronto, exemplar em que o estudo, o planejamento, a estruturação rigosamente científica, o aproveitamento do cabedal de conhecimentos domésticos e alheios seriam insofismáveis mestras ou irretorquíveis exigências de um século XX: sendo 1958 o ano de eleição dos componentes do Congresso já surgiram em «Social Security» engodos, campanhas de larga frente para 60 dias de hospitalização, sem descontos, aos beneficiários de 65 anos ou mais e o seguro com responsabilidade total no custeio dos desvelos médicos.

Se o sistema americano ainda se ressentente de vários senões e a A.M.A. disso não faz segrêdo, muito pelo contrário, aborda-os contínua, decidida e claramente procurando resolvê-los não de afogadilho ou insensatamente, mas sopesando todos os elementos em jôgo, surge ponderável motivo para trazermos ao campo de análise, nesta seara, o que lá se efetua.

«The Health Insurance Council» em agosto de 1956 divulgou os seguintes tipos de «voluntary health

insurance»: «hospital expense protection, surgical expense protection, regular medical expense protection and protection against loss of income due to illness or injury». Existem ainda, embora não compreendidos no estrito senso da chamada «voluntary health insurance» os seguintes seguros: «personal accident insurance, group accidental death and dismemberment insurance (16 milhões de segurados, especialmente por empregadores) life insurance, liability insurance, workmen's compensation, etc.»

O «seguro doença», pròpriamente dito, é desfrutado de entidades não oficiais. Situêmo-lo, como o faz o govêrno, abordando a «Health Organization»:

«Actually, the primary responsibility for an individual's health rests with himself and his family.

Should a person feel the need of medical attention, his first thought is to employ a private physician and, if necessary, seek hospitalization. Voluntary systems of insurance, a sliding scale of charges, and a measure of public assistance, alone, or in combination, serve to ease the financial burden for the individual. Despite inequalities usually associated with medical and hospitalization services that operate on the basis of a private enterprise, the great majority of the people in this country obtain a considerable measure of medical care, at least for the more acute conditions.

The people of the continental United States now enjoy a level of health and well-being never before attained by any population of comparable size.»

O «seguro doença», como foi assinalado, compreende um desdobramento: assistência hospitalar e assistência médica, podendo, entretanto, associarem-se, ambas finalidades, numa só apólice. Tanto para uma como para outra existem várias companhias. Na primeira a «**Blue Cross**» parece ser a de maior envergadura. Possui 84 organizações, ligadas entre si e distribuídas entre os EE. UU., Canadá e Pôrto Rico. Exemplifiquêmo-la tomando como base o Estado de New York. Tem, aí, mais de 6 milhões de segurados e atende uma média de 2.000 casos por dia. Conta com a cooperação de 18.000 médicos e 265 hospitais. Só para a Ilha de Manhattan — 47.

O custeio da assistência médica — da conta do doutor — é obtido, com outro contrato, com o «**Blue Shield**».

Tanto num seguro, como no outro, as apólices são claras nos direitos que assistem o indivíduo e sua família. Os filhos, por exemplo, estão protegidos até a idade de 19 anos. Daí em diante de apólice individual.

Fácil esboçarmos os dois serviços. Não é necessário exame médico de admissão, apenas formulário a ser preenchido pelo interessado com perguntas sobre seu atual estado de saúde, antecedentes mórbidos pessoais e hereditários, perfunctórios dados anamnéticos englobando dados atuais de ocupações, etc. A «**Associated Hospital Service of New York — New York's Blue Cross**» — exige, do segurador, para benefícios hospitalares um período de carência, isto é, a admissão deve ter sido há mais de seis meses para operar a-

mígdalas, dez meses para maternidade, onze meses para condições mórbidas pré-existentes. Não concede internamento para cura hospitalar de repouso, estudos diagnósticos, estadia para fisioterapia (rádio e radiumterapia, etc.), tuberculose (cura sanatorial), doenças nervosas (salvo convulsoterapia — 1 dia para cada sessão, 10 pelo contrato ano). De um modo geral, como em todo o seguro, os direitos variam com o prêmio da apólice. As operações de amígdalas e adenóides permitem 1 dia de internamento antes dos 12 anos; acima dessa idade 2 dias. Nas doenças infecciosas agudas é permitido o tratamento em nosocômio acima dos 16 anos. Na tuberculose pulmonar o apóio é prestado apenas na cirurgia: 7 dias para frenicectomia, 14 dias para toracotomia, 21 dias para toracoplastia. A assistência hospitalar poderá ser prestada num dos hospitais enumerados na relação da apólice: «**member hospitalar**» — instituições que têm acórdos firmados com a companhia para os serviços contratados mediante o pagamento de quantias fixas; ou em «**non-member hospital**», isto é, naqueles não filiados ao plano e onde os benefícios são os mesmos, e pagos pela organização diretamente ao nosocômio — «**inter-plan-benefits**», ou ao segurado — «**cash allowances**», mediante a apresentação da conta. O «**inter-plan-benefits**» permite ainda, pelo amplo esquema, que o segurado de New York seja atendido, nos seus direitos, noutras cidade: Philadelphia, Los Angeles, etc. adoecendo em viagem. O segurado usufrui o pagamento pleno nos primeiros 21 dias de internamento e com desconto os 180 dias seguintes. Tem direito a

quarto semi-privado: cama, enfermagem, alimentação (incluindo dietas especiais), uso do pavilhão cirúrgico e equipamentos, exames de laboratório e radiológicos indispensáveis para o tratamento da causa da internação, eletrocardiograma, metabolismo basal, aparelhos de fisioterapia, oxigênio e material de administração, medicamentos fornecidos pelo hospital durante a estadia, gessados, anestesia; uso do equipamento e anestesista. Se o segurado escolhe quarto privado recebe da «**Blue Cross**» US\$ 10 por dia nos primeiros 21 dias e US\$ 5 diàriamente, até os 180 dias seguintes, contra a conta do hospital, pelo preço do quarto, mais as regalias já enumeradas. Os casos de emergência — de pronto-socorro — estão incluídos na apólice de seguro.

Quanto aos serviços médicos o seguro é feito pela «**United Medical Service, Inc. — New York Blue Shield**», que possui, no Estado, mais de 4.200.000 segurados, é utilizada por cerca de 48.000 empregadores (para o seguro em grupo dos empregados), pagou o ano passado perto de US\$ 28.000,00. A companhia opera com a aprovação da **The Medical Society of the State of New York** e das 17 «**County Medical Societies**» existentes na área estadual. O segurado pode usar, com livre escolha, qualquer médico no gozo normal dos direitos profissionais. Quando o escolhido está inscrito na lista da companhia o enférmio, ao ser atendido, preenche uma fórmula que é terminada e assinada pelo médico, enviada, em seguida, ao escritório da seguradora. O pagamento é feito no máximo em 3 dias, diretamente ao médico recebendo o segurado, pelo

correio, a cópia do cheque. Quando o profissional não pertence à lista da «Blue Shield» o cheque de pagamento é enviado ao cliente e a cópia do mesmo ao médico. O serviço cirúrgico é pago na base de tabelas, com mais de 1.000 itens, aprovadas pelos órgãos de classe.

Os períodos de carência seguem, mais ou menos as normas da «Blue Cross». Não ficam incluídas nas apólices: exames gerais com propósitos de «check-up», tratos de alcoolismo, doenças nervosas ou mentais exceto para convulsoterapia, diagnósticos e tratamentos de alergia, controle de curas de repouso, cuida-

dos na tuberculose pulmonar, salvo cirúrgicos, cirurgia plástica, exames de acuidade visual para prescrições de óculos, imunizações ou outras profilaxias e serviços normalmente atribuídos a equipes hospitalares. No plano médico os cuidados são prestados a domicílio ou no hospital, sendo que a apólice pode ainda compreender atenções clínicas ou cirúrgicas, ou ambas. Permitem, de um modo geral, a juízo do médico assistente, até mesmo uma junta médica com especialista de nomeada, em cada intenaçãoção.

(Transcrito de «Laboratório Clínico» — 4.º trimestre 1957)



MILICIANOS DA FÔRÇA PÚBLICA!

O PLANO DE "SEGURO DE VIDA EM GRUPO" DA
BOAVISTA - CIA. DE SEGUROS DE VIDA,
além de assegurar proteção aos seus familiares,

- é prático,
- não tem limite de idade,
- dispensa prova de saúde,
- é de custo insignificante,
- e cobre o risco de morte, qualquer que seja a causa, no serviço ou fora dêle.

BOAVISTA - CIA. DE SEGUROS DE VIDA

SUCURSAL NO ESTADO DE S. PAULO.
Edifício "Boavista de Seguros"

Rua Conselheiro Crispiniano, 120
12.º and. - Fones 36-4893 e 35-9470

— SÃO PAULO —

"O CERIMONIAL DESPORTIVO ATRAVÉS DOS TEMPOS"

Cel. Arrisson de Souza Ferraz

A educação física é tão velha quanto a noite dos tempos. Nasceu na pré-história longínqua e obscura, com os primeiros habitantes do planeta. Acompanhou os estágios da vida humana, desde o clan até o mundo moderno de nossos dias, em ritmo sempre acelerado, em marcha vertiginosa e ascensional. O esporte, como a mais alta manifestação das práticas físicas, como expressão superior do trabalho muscular, controlado e conduzido pelo raciocínio e pela vontade, veio alguns milênios depois. O esporte despertou com as primeiras civilizações. Egípcios e chineses foram, indiscutivelmente, seus criadores. No vale do Nilo e nas margens do rio Azul, lá nas paragens orientais, feriram-se as primeiras justas desportivas. Do Oriente, marchando passo a passo com a civilização, e, muitas vezes, balizando os seus roteiros, abrindo caminhos à caravana, passou ao Ocidente. Na Grécia, completou-se a si mesmo. Conquistou um povo de artistas e de heróis. Alcançou, na Hélade, a sua maioridade, subindo tão alto, como os alevantados vôos do pensamento daquela gente admirável, nivelando-se, em altitude, ao cume dos montes sagrados do Peloponeso.

O esporte nasceu no Oriente. É uma verdade histórica que não pode ser negada, mas, foi a Grécia que lhe deu lineamentos e contornos definitivos; foi a Grécia que lhe deu força, expressão, maturidade. O Oriente foi o berço a Grécia, a afirmação do esporte. Da Grécia partiu, no século IV A.C., o maior dos grandes capitães da antiguidade, o imortal filho de Felipe da Macedônia para conquista do mundo; da Grécia e pelo poder ali adquirido, partiu o esporte para o domínio dos continentes.

A cidade de Olímpia, a noroeste de Peloponeso, edificada ao sopé de monte Saturno, circundada pelas correntes cristalinas do Alfeus e do Cladeus, com o estádio, o hipódromo, o bosque sagrado de oliveiras, suas estátuas e seus santuários é monumento ciclópico da Grécia e do mundo clássico; é, também o marco mais esplendoroso da cronologia desportiva de todos os tempos. Nas competições quadrienais que ali se realizavam, na planície encantadora de Elida, palpitava algo criador que o tempo não destrói, antes aumenta e revigora, qual seja o ideal olímpico, do esporte, nobre cavalheiresco e leal, buscando o aperfeiçoamento físico e com ele o moral em

troca de uma coroa silvestre. O ideal olímpico e o espírito esportivo ali se encontravam e se confundiram, partindo, desde então juntos pelo mundo em fora.

O esporte grego foi trabalhado por artistas da estatura genial de Apelis, de Praxísteles, de Fídias, de Miron. Não só o aperfeiçoaram, buroilaram-no, cinzelaram-no. As competições de Elida, da primeira metade do século V, a. C., eram maravilhas, adornando a quarta maravilha do mundo, em pleno recinto olímpico, a famosa estátua de Zeus, em ouro e marfim com os seus 18 metros de altura. A preocupação constante dos gregos na busca de apuro, de refinamento, de perfeição levou-lhes a imaginar uma série de atos e práticas, de ordem religiosa, cívica e moral, a serem levadas a efeito, no decorrer das olimpíadas. Estes atos e práticas foram codificados e oficializados e passaram a integrar o calendário das famosas justas quadrienais de Olímpia. Era o cerimonial desportivo, que como o ideal olímpico e o espírito esportivo nascia na mesma terra que dera ao mundo vultos como Sócrates, Platão, Aristóteles, Xenofonte, Tucídides, Esquilo, Tales, Píndaro, Temístocles, Péricles e Melcíades.

O CERIMONIAL DESPORTIVO DOS HELENOS

No século V, a. C., quando Péricles, general e estadista, dirigia os destinos da Grécia, as competições da planície de Elida atingiram ao seu zênite. A olimpíada, àquele tempo, era iniciada e encerrada com solenidades excepcionais. Havia, em

suma, cerimonial de abertura e cerimonial de encerramento, além de outros atos, de fundo religioso, realizados no decurso das provas. O cerimonial de abertura constava de um desfile, no «Pavilhão do Eco», estreito corredor coberto, com a participação de todos os concorrentes. À frente dos atletas marchavam os juizes, cheios de magestade, com vestes de púrpura e coroados de louro. Depois de uma volta no pavilhão, o cortêjo se dirigia ao «buleutério», onde se realizava o juramento. De pé, enfileirados, mão direita em posição horizontal, ou na direção do altar de Zeus, os competidores, repetindo os juizes, juravam, perante a divindade máxima do seu povo, lutar com lealdade e cavalheirismo e observar rigorosamente as regras oficiais. Os pais e outros membros da família dos concorrentes acompanhavam o préstito do pavilhão do eco ao buleutério e também faziam o mesmo juramento. Com isso, comprometiam-se a orientar e aconselhar os atletas, seus familiares, no cumprimento das normas da competição. Terminados o desfile e o juramento, os competidores, suas famílias e toda a assistência se dirigiam, em visita, ao bosque sagrado das oliveiras e aos santuários de outras divindades para oferendas, sacrifícios e orações. Essas romarias aos recintos sagrados repetiam-se todos os dias, até o término da competição.

O encerramento da olimpíada era deslumbrante. Realizava-se no dia imediato ao término das provas. À tarde desse dia, os competidores apresentavam-se no templo de Júpiter, e ali, em presença dos ma-

gistrados, sacerdotes de Elis, e representantes dos estados gregos, os helenódices, collocavam a coroa de oliveira do bosque sagrado, originário da oliveira plantada por Hércules, sobre a fronte dos triunfadores, em meio as palmas e ruidosas aclamações. Organizava-se, a seguir, um cortejo que se dirigia, lentamente, ao altar de Zeus, divindade suprema daquela gente. Campeões à frente, com suas vestes de gala, com a coroa silvestre na fronte e uma palma na mão, acompanhados dos juizes, altos dignatários, sacerdotes-magistrados, hospedes officiais, estátuas dos deuses e de considerável multidão, formavam um via a custo. Os cavalos e potros victoriosos, ajaezados de ouro e pedrarias, conduzidos pelos «desultores», os jóqueis de nossos dias, tinham um lugar especial no cortejo, como merecedores das mesmas honrarias conferidas aos atletas. Durante o trajeto, declamadores e cantores recitavam versos e entoavam canções alusivas, glorificando os vencedores. Arquiloco, contam as crônicas, escreveu um poema especial em honra aos campeões olímpicos, que era recitado por um vate e repetido em côro pela multidão. Em frente ao altar dos deuses os campeões ofereciam sacrificios e ações de graças, ante a grande mole humana silenciosa e reverente. Finda a cerimônia religiosa, o desfile rumava ao «Pritaneu», onde tinha lugar o «banquete dos vencedores», com assistência de todos os atletas, sacerdotes, juizes, magistrados e representações officiais.

Com o banquete do Pritaneu, estava terminado o cerimonial em

Olimpia. Mas, prosseguia em paragens, na cidade natal do campeão olímpico, em obediência ao ritual. O vencedor era esperado nos arredores da cidade por toda a população. Abria-se um fresta na muralha defensiva que a cercava para que o campeão não entrasse pela porta comum, a fim de não se confundir com a plebe. Faziam-no subir numa quadriga puxada por lindos cavalos brancos. Organizava-se um préstito que percorria as ruas da cidade, levando em triunfo o campeão até o templo, onde elle depositava a coroa de oliveiras e entoava preces votivas. Ageu, de Argos, correu 800 quilômetros com os seus pés ligeiros, de Olimpia aos pátrios lares. Dominava-o, no grande trajeto, contam as crônicas do olimpismo, a idéia de dar a boa nova à família e receber a consagração de sua cidade, prevista pelo ritual.

Vejamos outro cerimonial dos helenos — o dos jogos plateus, por exemplo — antes de passar aos vencedores de Alba Longa. Trata-se de jogos quinquenais, em honra aos heróis defensores da Platéia, em batalha ferida, numa planície vizinha, elevada a necrópole e santuário. Os jogos se realizavam em dois dias. No primeiro verificavam-se as provas e no outro as cerimônias que começavam aos primeiros clarões. A população agrupava-se diante do templo de Júpiter ao toque das trombetas. Formava-se um cortejo, encabeçado por um grupo de jovens, filhos de pais livres, que conduzia lindo touro preto; seguiam-se-lhes os cidadãos pela hierarquia social, conduzindo jarras com óleo, leite e vinho; após iam as viúvas, matro-

nas e donzelas, com vasos e taças, com perfumes para incensos e licores para libações; mais atrás, marchava o magistrado presidente dos jogos vestidos de púrpura e de negro, levando à mão direita uma espada desembainhada e à esquerda um jarro de prata; carros carregados de mirtas e grinaldas, precedidos de grande multidão, completavam o préstito que percorria as ruas da cidade e se detinha no cemitério diante do túmulo dos heróis. Banhavam-se os sepulcros e as estátuas com a água da fonte sagrada da cidade, para ali levada previamente; borrifavam-nos com óleos e perfumes e imolava-se o touro negro, ao som de cânticos a Júpiter e Mercúrio; oradores famosos enalteciam o valor dos heróis tombados naquele campo e os convocavam para receberem aquelas homenagens. Após as orações entregavam-se prêmios e proclamavam-se os vencedores.

O CERIMONIAL DESPORTIVO DOS ROMANOS

As competições de maior expressão entre os romanos embora se caracterizassem por requintes de barbárie, foram as corridas de cavalos e carros e os combates de gladiadores. Examinaremos o cerimonial das corridas. Em frente ao Capitólio, organizava-se grande préstito que se dirigia ao «Circus Maximus». A um sinal do magistrado presidente dos jogos, o cortejo rompia a marcha. A frente, iam as caruagens ajaezadas que deviam competir, seguidas das estátuas de Júpiter, Jano, Minerva, Mercúrio e outras divindades tutelares, rodeados de sacerdotes e vestais, a entoarem

hinos religiosos. Vinha, depois, o Imperador, em luxuoso carro, com vestes reais, coroa à cabeça, mão direita empunhando o bastão simbólico em que se apoiava à águia de Júpiter. Logo após, em riquíssima caruagem, vinha a abastada e ilustre figura que custeava os jogos. Seguia-se a estes altos dignatários, colossal multidão, verdadeira vaga humana. Atrás da multidão, formando uma espécie de segundo cortejo seguia um conjunto de músicos e bailarinos, vestidos de marron; após, as ninfas, vestidas de gaze bailando ao som de cítara e flautas; crianças e donzelas vinham, logo após, queimando mirra e incenso e espargindo líquidos perfumados. As crianças e donzelas seguiam os carros dos legisladores, pretores, cavaleiros e cidadãos de alta hierarquia social acompanhados de outra mole humana. O cortejo penetra no Circus pela porta central. A multidão toma seu lugares e o restante do préstito desfila pela arena, ao som de marchas triunfais e de aclamação das moças, glorificando Venus, e dos jovens glorificando Marte. A um sinal do magistrado, o cortejo faz alto. Carros e cavalos se enfileiram e o restante da procissão toma suas localidades. Estava terminado o cerimonial de abertura. Inicia-se a competição. O cerimonial de encerramento era mais simples e constava de prêmios, banquete e baile. O cerimonial de abertura dos combates de gladiadores era idêntico ao das corridas com a diferença de que somente os competidores desfilavam na arena. E ao passarem em frente à tribuna imperial, proferiam estas palavras em côro: «Ave Caesar,

Imperator, moriture te salutant». (Salve, Cezar, Imperador, os que vêm a morrer te saúdam). E de facto, aquêles infelizes iam morrer. Poucos eram os que saíam da exibição com vida ou ilesos de ferimento. O cerimonial de encerramento do «Ludus Gladiatoris» era semelhante ao das corridas: um banquete, entrega de prêmios e baile.

O CERIMONIAL DESPORTIVO NA IDADE MEDIA

Abolidos os jogos olímpicos por Teodósio, Roma dominada pelas avalanches bárbaras de Leste, os primeiros quartéis da Idade Média foram obscuros para a educação física. Surge, porém a cavalaria com seu romantismo e com ela os torneios e as justas que constituíram atração permanente da nobreza. A principio eram violentos, depois evoluíram e tiveram regulamentação adequada. O torneio alcançou notoriedade e tinha um cerimonial pomposo. Vejamo-lo.

Consertada a competição e escolhido o local, na véspera do dia aprazado os chefes de facção entravam na cidade com suas coortes, seus estandartes, e desfilavam pelas ruas. Depois, os dois grupos, com o rei d'armas à frente iam à liça, para reconhecê-la, após o que se enfileiravam e prestavam o juramento de respeitar as regras e lutar com lealdade. No dia seguinte, antes do embate, os dois bandos desfilavam na arena e repetiam o juramento da véspera, agora perante o juiz e a assistência. O cerimonial de encerramento iniciava-se na liça. O rei d'armas ou presidente dos juizes man-

dava tocar as trombetas anunciando o fim da competição. Os litigantes enfileiravam-se e êle proferia então, a decisão. Vencedores e vencidos se cumprimentavam. Mas, não era só. À noite prosseguia a solenidade. Em salão previamente escolhido, diante das altas personalidades, o juiz fazia a proclamação dos vencedores. A rainha da festa, já eleita para êsse fim, acompanhada de uma corte de damas da nobreza, entregava ao chefe da facção vitoriosa a espada de torneio e uma jóia, esta como prêmio da cidade, e um capacete. A assistência saudava o vencedor com um grito de guerra. Um baile até o romper da aurora completava o cerimonial de encerramento dos torneios.

O CERIMONIAL DESPORTIVO CONTEMPORANEO

Pierre de Fredi, barão de Coubertin, desfralda na gloriosa terra francesa, a 23 de junho de 1894, a bandeira do restabelecimento dos Jogos Olímpicos. Dominava-o, nesse grande cometimento, um sadio idealismo e aquela fé que remove montanhas. Coubertin parecia um cruzado dos tempos modernos. Tudo que nasce da razão vence pela razão. Em menos de dois anos de campanha, a 6 de abril de 1896, o autor de «Memoires Olympiques» anuncia a todos os continentes, deslumbrados, a reunião da mocidade do mundo, no estádio de mármore pentálico construído pela filantropia de Averof, no mesmo lugar onde se disputava a encantadora Panatenéia, para os primeiros Jogos Olímpicos contemporâneos. Ressurgiram na Grécia, os Jogo Olímpicos que ha-

viam nascido na Grécia. Rssurgiu também, ali, o cerimonial desportivo que era filho do gênio criador dos hellenos.

As diretrizes oficializadas pelo Comitê Olímpico Internacional determinavam que as justas quadrienais, revividas por Coubertin, sejam abertas e encerradas com cerimonial. O de abertura consta de um desfile no estádio, perante as autoridades olímpicas e as do país que as patrocina, de todas as delegações por ordem alfabética das respectivas nações. À Grécia, berço do olimpismo clássico, é conferida a honra de guardar a formatura em todas as olimpíadas. Terminado o desfile, os atletas, braços direito erguido, repetindo a um «speaker», que faz o papel dos arautos de antanho, proferem o juramento: «Juramos que viemos aos jogos olímpicos como concorrentes leais, respeitadores dos seus regulamentos, e com o desejo de tomar parte neles com espírito de cavalheirismo, para honra de nossos países e gloria do esporte». Após o juramento, o presidente do comitê olímpico do país anfitrião, em rápidas palavras, declara inaugurados os jogos olímpicos, enquanto milhares de pombos-correios, levando ao pescoço fitas com as cores dos países concorrentes, cortam os céus, numa parada de ritmos, numa sinfonia de azas. Dobrados marciais executados pelas bandas de músicas se fazem ouvir. Depois vem a luta empolgante e sensacional durante vários dias. Chega-se, então, ao fim, e vem o cerimonial de encerramento, constante da proclamação dos vencedores e entregas dos prêmios.

Em algumas olimpíadas modernas, vimos tocantes cerimônias religiosas. Na quarta, realizada em Londres, o arcebispo da Pensilvânia celebrou um «Te Deum» e proferiu natável sermão. Na de Anvers, em 1920, foi entoado na catedral, um «De Profundis», pelo descanso eterno dos atletas que tombaram no campo de batalha, na guerra de 1914-1918.

Em nossa pátria a Confederação Brasileira de Desportos, ao enfileirar os jovens nacionais nos gramados, para as competições periódicas, fá-los proferirem solenemente o seguinte compromisso: «Juramos nos apresentar nos Jogos Atléticos, como competidores leais, respeitadores para com os regulamentos, e desejosos de participarmos deles, com espírito cavalheiresco, para honra do nosso Brasil e glória dos Desportos Nacionais».

Aqui, na Fôrça Pública de São Paulo, na tradicional planície do Canindé, a Elida de Piratininga, quer para o saudoso Torneio de Inverno, quer para as competições poli-atléticas, sempre sobre a supervisão da pioneira e veterana Escola de Balancier e Gamoeda, os competidores juravam «empenhar-se com vigor e lealdade, entusiasmo e disciplina, cavalherismo e espírito militar, pelo triunfo da sua unidade, pela grandeza da educação física da Milícia e pela gloria dos Desportos Nacionais».

Merece, de outro lado, especial referência o cerimonial esgrimístico da Milícia, para as demonstrações do esporte fidalgo. Figurantes dispostos frente a frente; dobradas as lâminas, um chefe de equipe profere: «A vós, a honra, e o outro respon-

de: «Por obediência». seguindo-se depois a maravilha do cruzamento e do deslizar das armas. A vós, a honra, sim. Tôdas as dignidades ao adversário. Por obediência, sim. As regras e as decisões do juri. Ajax, de Salamina, os cavaleiros do Rei Artur, os Pares de França, Rolando Candiani, Romeu Capuleto e Andry de Boisregard, também dobravam suas toledanas em honra ao adversário, por obediência às normas regulamentares.

O cerimonial grego era o adôrno indispensável à cúpula do grande edificio desportivo. Era a floração de uma civilização esplendorosa, orientada para as alturas, visando o belo e o sublime. Mas, era um imperativo de seu código moral. O grego jurava lutar com lealdade e cavalheirismo.

O cerimonial romano era a pompa era o esplendor. Havia ali, qualquer cousa do paganismo dos povos orientais que conquistaram. Não incluíram o juramento, êsse dogma moral. Medievais e contemporâneos inspiravam-se nas lições da Hélade.

O esporte é vibração, é fé, é entusiasmo. É manifestação máxima da educação física. É elemento da educação integral. Nas festas do esporte, pois, notadamente nas que reúnem a mocidade de todos os continentes num amplexo afetuoso e fraternal, deve existir um cerimonial que imponha um sentido de ordem,

de equilíbrio, de perfeição e de responsabilidade, nos concorrentes, através das formaturas e desfiles; que tenha cunho cívico, fazendo o jovem fitar a bandeira da pátria e lutar por ela, com tôdas as suas energias; que faça o concorrente lembrar que deve ser rigorosamente honesto e leal, porque empenhou sua palavra de honra perante o próprio mundo representado pela assistência e colegas e perante Deus, presente e real na tribuna de sua consciência.

Há, em tôdas essas tocantes cerinônias, uma cadeia de ordem patriótica moral e espiritual, complemento indispensável da educação física e dos esportes. Há no cerimonial desportivo, um sentimento de superioridade, de elevação, dessas que fazem a criatura alçar-se em busca da sua origem, do Deus de Abraão, de Jacó, que o criou à sua imagem e semelhança. O cerimonial desportivo é força criadora, no mundo de todos os tempos, como o é também, a educação física que lhe dá vida, alento e vibração.

Honra e glória à Grécia milenária que nos deu o olimpismo e o cerimonial desportivo, florações esplendorosas de uma civilização fascinante! Honra e glória a Pierre de Fredi, barão de Coubertin, que reviveu como verdadeiro apóstolo, aquelas duas maravilhas clássicas para os torneios luminosos da mocidade contemporânea!

Um homem sábio não se deixa governar nem procura governar os demais; deseja que só a razão governe para sempre.

La Bruyère

OURO PRETO

WALTER NOGUEIRA DA SILVA

[de seu livro "Há Sempre Estrela no Céu"]

A Silvio Romero Filho

*É negra a côr do tempo... E a natureza
tôda de negro se apresenta aqui...
É negra a melancólica beleza
Da magestade do Itacolomi!*

*Nestas casas, nas ruas e ladeiras
Que coleiam no chão, como serpentes,
Há lendas de glórias verdadeiras:
Inda estão vivos os inconfidentes!*

*Nestas esquinas, pela noite escura,
Nosso olhar vê, na sombra e no mistério,
Passar, curvada e rápida, a figura
Atormentada e esquivada de Silvério...*

*Por trás das grades da cadeia antiga
Sussurram velhas vozes do passado:
Foi nesta cela escura, minha amiga,
Que Cláudio sucumbiu, desesperado!*

*Nestas varandas — que emoção ao vê-las!
Nas suas longas noites de vigília,
Sob o olhar encantado das estrelas,
Dirceu fazia versos a Marília!...*

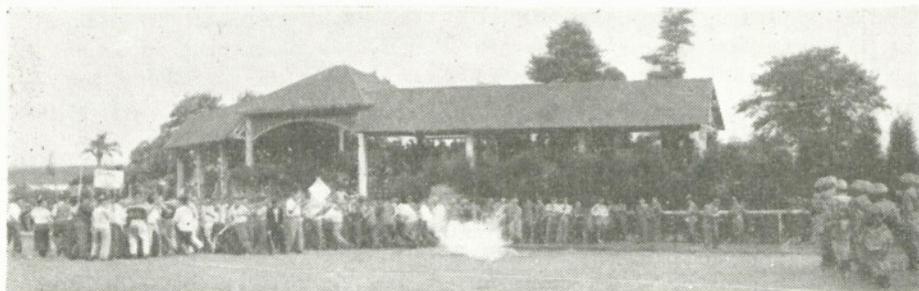
*E por tudo, nas coisas e no espaço,
Pairam do tempo as sombras envolventes...
Parece que se espera, a cada passo,
Encontrar pela rua o Tiradentes...*

*E foi êste passado perturbante,
Foi a tristeza que encontrei aqui,
E esta sombra que desce, dominante,
Dos cimos negros do Itacolomi,*

*Que me mostraram, vivos e serenos,
Êsses vultos homéricos de outrora,
Para ensinar-me como são pequenos
Os grandes homens do Brasil de agora!...*

Curso de Comandante de Pel. de Choque

Tática e técnica modernas a serviço da ordem pública



Flagrante colhido no momento em que detonava uma bomba de efeito moral, na demonstração realizada por componentes do Curso Rápido de Comandante de Pelotão de Choque.

Recentemente, oficiais que realizaram estudos no exterior ministraram, para tenentes e aspirantes da Força Pública, um curso rápido de comandante de pelotão de choque. Os oficiais alunos adquiriram, assim, conhecimento dos mais modernos princípios que norteiam o controle de distúrbios civis. A finalidade do curso era dotar tôdas as unidades da corporação de oficiais capazes de ser empregados, em qualquer eventualidade, na manutenção da ordem conturbada. Tais oficiais, por sua vez, dispõem de tropa, sempre à mão, especialmente treinada por eles.

ACÇÃO POLICIAL-MILITAR

Por ocasião do término do curso, foi feita, no campo do Canindé, uma demonstração da técnica de emprêgo da tropa de choque, em ação tipicamente policial-militar. Figurada uma situação de fato, em cidade agitada por movimentos de populares, com líderes políticos e agitadores, a tropa "entrou em ação".

Oficiais do comando geral da milícia, comandantes de diversas unidades e grande número de outros oficiais tiveram oportunidade de verificar a eficiência da tropa racionalmente empregada, com armamento adequado e treinamento especial para aquela ação. Os participantes da demonstração mostraram estar superado o emprêgo do cassetete e de violências inúteis individuais. Ficou claro que a época presente não mais admite que se atirem homens isolados contra a multidão em pânico.

FORMAÇÕES CERRADAS

A reportagem teve ocasião de observar os movimentos de formações cerradas no controle da turba. A organização perfeita — como se pôde deduzir da demonstração — permite levar o trabalho a bom termo sem as violências que iminico. Predomina o trabalho de equipe.

No emprêgo dos meios, há um escalonamento lógico. O primeiro meio a ser

empregado é a simples proclamação do comandante da tropa, que intima o povo a se retirar com calma. Não cumprida a determinação, passa a tropa a agir, começando por uma demonstração de força. E os demais meios passam a ser empregados, na medida das necessidades, gradativamente, sem a menor violência desnecessária. Fica abolido o uso de tiros de festim. O povo não é iludido. A tropa mostra simplesmente o que tem na realidade e o que pode fazer. Demonstra sua superioridade de força e peravam antigamente. A tática moderna não mais se preocupa com **homens de choque** mas, tão somente, com a **tropa de choque**, agindo como um todo harmônico-emprega-a legal e racionalmente, de acordo com as circunstâncias.

É evidente que o escalonamento dos meios pode sofrer alterações de conformidade com as exigências do momento. As prioridades estabelecidas são apenas um princípio básico, para ficar clara a necessidade do emprego dos meios adequados à ocasião.

DISCIPLINA

A disciplina é preponderante na ação da tropa de choque. Cada homem, consciência do que faz e deve fazer, sabe agir de acordo com os planos estabelecidos. A um sinal do comandante, as formações se organizam e se transformam instantaneamente, para atender às exigências que se apresentam. E, como foi observado na prática, a disciplina indispensável à coesão e à eficiência é perfeitamente possível

com o soldado comum da Força Pública, desde que seja convenientemente adestrado.

Na demonstração do Canindé, viu-se a reação instintiva do povo, diante da tropa ao menos com 50% no controle dos distúrbios, pois os amotinados a sentem e nada podem fazer contra ela. E, em pouco tempo, a situação é resolvida, com um mínimo de danos e de perigos.

ARMAMENTO

Abolidos o revólver e o cassetete, a tropa usa parte do armamento de infantaria. A mais importante das armas, no caso, é o fuzil. Quando a tropa se apresenta ao público, já aparece com baionetas armadas, numa apresentação impecável e marcial. As baionetas formam uma barreira intransponível pela turba, como foi claramente demonstrado no Canindé. Mesmo numa situação fictícia, como era o caso, percebia-se perfeitamente a impossibilidade de reação ante aquela muralha móvel, erigida de pontas brilhantes.

Embora não seja o caso presente de nosso povo, a conjuntura econômico-social do país pode levar o povo a preparar-se sob a orientação de agitadores para enfrentar militarmente a tropa. Entretanto, ela está preparada para qualquer eventualidade e pode empregar os meios necessários, incluindo outras armas, que fazem parte da dotação preconizada para a tropa de choque. Assim é que, vencida a barreira de baionetas — impossível em



As baionetas são usadas, não para ferir, mas para formar a muralha móvel e intransponível.

condições normais — surge a barreira seguinte e, depois outras, se for o caso. A violência só é empregada, para repelir violência.

MANUTENÇÃO DA ORDEM

Oficiais instrutores, ouvidos pela reportagem, asseveraram que o objetivo único da tropa assim organizada é a manutenção da ordem, em benefício da segurança popular e da tranquilidade geral. Não se trata de repressão a manifestações legais, nem de sufocar as aspirações do povo. Observamos que não é intenção dos organizadores empregar os métodos das tropas de ocupação em países europeus, onde o povo local ocupa lugar secundário nas cogitações das forças ocupantes, bem como a própria polícia local que, muitas vezes, é massacrada pela ira popular crescente, enquanto a tropa de

choque se prepara. Durante os preparativos, exarcebam-se cada vez mais os ânimos do povo, porque a polícia civil é incapaz de controlar a situação e, ao chegar a polícia militar, já numerosos prejuízos se registraram, muitas vezes com perda de vidas.

Os componentes da Força Pública que realizaram estudos no exterior adaptaram os ensinamentos recebidos ao caso particular do Brasil. Toda a nossa estrutura social e a nossa legislação foram estudadas convenientemente. Os movimentos populares através da história são sempre analisados cientificamente e, com maior razão, os da atualidade. Assim, com a moderna tropa de choque, teremos mais um complemento necessário, não a um estado policial, mas a um estado policiado.



CONSUMIR PRODUTOS NACIONAIS



É UM DEVER DE PATRIOTISMO

É AJUDAR A LIBERTAÇÃO
ECONÔMICA DO BRASIL

É CONTRIBUIR PARA O
DESENVOLVIMENTO DA
NOSSA PRODUÇÃO

Novo Comandante Geral

Por exoneração, a pedido, do cargo de comandante geral da Fôrça Pública, o cel. Evaldo Pedreschi passou o comando, a 31 de julho último, ao cel. José João Batal, em cerimônia levada a efeito no quartel general da milícia. Autoridades civis e militares, bem como a oficialidade da Fôrça Pública, assistiram ao ato.

O cel. Pedreschi, na ocasião, leu o boletim especial, de que destacamos o seguinte tópico: "Que a Fôrça Pública, repositório de tradições que só nos envaidecem, prossiga com a altivez de sempre, na jornada de lutas construtivas, em prol da maior grandeza de São Paulo e do Brasil".

Do boletim de seu sucessor, extraímos: "Exercerei o comando com imparcialidade, com justiça, com plena isenção de ânimo, sem aceitar injunções. Aquêles que me conhecem de perto já sabem dessas diretrizes que sempre nortearam minha linha de conduta e de ação. Procurarei atender às pretensões pessoais sempre que compatíveis com o interêsse público. A Fôrça Pública manterá, como sempre, as melhores relações com tôdas as demais instituições federais, estaduais e municipais. Apelo aos nobres sentimentos de patriotismo de todos os senhores oficiais, subtenentes, sargentos, cabos e soldados, para que continuemos trilhando a senda segura do dever; e o comando da Fôrça Pública será o reflexo de suas aspirações. E mais: "o povo de São Paulo pode estar certo da dedicação e do devotamento de sua centenária milícia, inteiramente empenhada no policiamento, com a plenitude de



sua energia. Haverá clima da harmonia e tranquilidade na Fôrça, porque a sua maior preocupação é a tranquilidade pública. Nesse sentido, atuaremos em todos os setores da corporação, onde se fizer necessário".



Direção do major Francisco V. Fonseca

ALAGOAS

CARECE DE MEIOS A FORMAÇÃO DE BOMBEIROS

A Formação de Bombeiros da Maceió, anexa à Polícia Militar do Estado, ao ensejo do seu aniversário de fundação, a 2 de julho, teve voltada para si as atenções da população, que lhe endereçou calorosos cumprimentos.

A par desse fato auspicioso, sabe-se que a corporação vem lutando com dificuldades enormes, de ordem material. Não tem recebido, do município da capital alagoana, uma assistência mais efetiva, de vez que apenas 500 mil cruzeiros anuais são empregados pela municipalidade, apesar da Prefeitura de Maceió ar-

recadar taxas de incêndio da ordem de dois milhões de cruzeiros.

Está, pois, a Prefeitura em apuro, na dupla obrigação de dar meios aos seus «homens do fogo», por ser do dever intrínseco, como poder executivo municipal que é, e porque arrecada taxas específicas, sonhando-lhe a aplicação integral, de vez que a reduz a um quarto do que deveria ser empregado, também especificamente.

DISTRITO FEDERAL

NOVO CHEFE DO E.M.

Entre diversas alterações nas chefias das unidades da P.M., por proposta do comando da milícia, destaca-se a chefia do Estado Maior da Polícia Militar. No dia 18 de agosto, assumiu aquela função o ten. cel. Anísio Saião Caldeira Bastos, em substituição ao ten. cel. Barnabé Rodrigues de Barros.

A cerimônia que teve lugar no Salão nobre do Quartel-General da Polícia, compareceram o comandante-geral da P.M., gen. Oromar Ozório e demais autoridades da Municipalidade.

Em sua primeira ordem do dia, o coronel Anísio saudou a corporação, declarando que todos os esforços deveriam ser encetados para uma «sincronização dos serviços, dentro da ordem e dos princípios de dignidade que regem os povos civilizados.»

Após isso, a oficialidade dirigiu-se à Escola de Recrutadas, na Invernada dos Afonsos, onde assistiu ao juramento à Bandeira, por cerca de 150 praças novos, que foram incorporadas ao Serviço de Trânsito.

COMANDANTE DOS BOMBEIROS, EM LISBOA)

Segunda notícias vindas de Lisboa, de 31 de julho último, vários especialistas estrangeiros, na luta contra o fogo e na proteção civil, ali foram assistir ao Terceiro Congresso Nacional dos Bombeiros, cujos trabalhos foram abertos naquela data em Viana do Castelo (norte de Portugal).

Entre êles, salienta-se a presença do cel. Rafael de Sousa A. guiar, comandante dos Bombeiros do Rio de Janeiro, D.F., e dos srs. Jean Maruelle, presidente da Comissão Técnica Internacional do Fogo (França), do cap. Charles Laurent, redator chefe da «Revista de Proteção Civil» e do comandante Audinet.

BANDA DOS BOMBEIROS RECLAMA NOVO INSTRUMENTAL

Em péssimo estado os instrumentos

Esta ameaçada de desaparecer a tão querida banda do Corpo de Bombeiros. Talvez o povo carioca em breve se veja privado em suas festas e retretas da tradicional banda dos soldados do fogo. Os discófilos também não terão mais em sua coleção os bonitos dobrados e as marchas-ranchos, se a corporação não conseguir vencer as dificuldades que está atravessando. Depois de 30 anos de uso constante, em benefício da audição cuja alta finalidade nunca será excessivo lembrar, os instrumentos da banda atingiram um

péssimo estado e precisam, com a maior urgência, ser substituídos.

Apêlo às autoridades

Os discos até agora gravados pela banda renderam cerca de Cr\$ 700.000,00 e essa importância foi destinada à compra de novos instrumentos. O total das despesas, porém, ultrapassa de muito esta quantia pois o Brasil ainda não fabrica instrumentos à altura das exigências qualitativas de um tal organismo musical. Necessária se torna, assim, a compra no exterior, que é dispendiosíssima. Já foram solicitados os recursos necessários à importação, à Carteira de Câmbio do Banco do Brasil, que foi favorável à pretensão, sem entretanto fornecer as cambiais que são justamente reclamadas.

MINAS GERAIS

AGRACIADO O COMANDANTE DA P.M.

Recebeu a medalha «Tobias Barreto» de São Paulo

O ten. Cel. Jaime dos Santos, da Comissão de Medalhas, «Tobias Barreto» e pertencente à Fôrça Pública de S. Paulo, em ofício endereçado ao cel. Manoel de Assunção e Sousa, comandante geral da Polícia Militar de Minas Gerais, comunicou haver sido o ilustre oficial mineiro agraciado com aquela medalha, de profunda significação moral e militar.

Juntamente com o ofício foi remetida ao cel. Assunção a medalha em aprêço, resaltando o cel. Jaime, que o «significado maior é a união entre as Polícias Militares do Brasil, em tórno da idéia comum de definições para os oficiais fardados de nossa terra».

OFICIAIS NA «USACARIB SCHOOL»

Tenentes indicados pelo comando

Em radiograma ao cel. Manoel de Assunção e Sousa, comandante geral da Polícia Militar, o cel. Barnabé Rodrigues de Barros, chefe do Estado Maior da Polícia Militar do Distrito Federal, comunicou que, atendendo à solicitação do adido militar dos Estados Unidos, oferecia à milícia mineira duas vagas para o curso de oficial a iniciar-se no dia 12 de agosto, na «Usacarib School», em Fort Gulik, na zona do canal de Panamá. Lembrou que os oficiais escolhidos deveriam estar no Rio, prontos para embarque, no dia 5 de agosto. Tomando conhecimento do assunto, o cel. Manoel de Assunção e Sousa designou entre dois jovens integrantes do oficialato da Polícia Militar.

Seguirão para o Panamá

É este o texto da resposta ao comandante da Polícia Militar do D.F.: — «Em decorrência de vosso radiograma n.º 350, de 9 do corrente, tenho o prazer de comunicar-vos que foram indicados por este comando para cursarem a «Usacarib School», na Zona do Canal, os 2.ºs tens. **Olavo Leal Arnut Junior** e **Jair Cançado Coutinho**, os quais estarão nessa capital na data estabelecida para o respectivo embarque.

Nesta oportunidade, peço-vos seiais intérprete junto ao adido militar americano, transmitindo-lhe nossos sinceros agradecimentos pela nova oportunidade oferecida à Polícia Militar de Minas Gerais, de se fazer presente àquêle modelar estabelecimento de ensino».

PERNAMBUCO

NÚCLEOS ISOLADOS PARA O C.B. DO RECIFE

Comandante propõe a medida

Além do aumento do efetivo do Corpo de Bombeiros do Recife, atualmente com pouco mais de duzentos homens, poder-se-ia estender a prática da formação de núcleos isolados, nos bairros mais populosos possivelmente formando triângulos, capacitados para atender a casos de pequena monta ou para fazer o que for possível, enquanto aguardassem a chegada de maiores recursos, do Quartel.

Essa idéia foi exposta pelo major-comandante dos Bombeiros ao se referir às dificuldades com que luta atualmente sua corporação, principalmente a de equipamentos modernos, para atender a uma cidade de setecentos mil habitantes, com inúmeros prédios de mais de cinco andares.

Salientou o comandante a circunstância de o Corpo de Bombeiros dispôr atualmente de duas escadas — sendo que a mais moderna, marca «Margirus», atinge, no máximo, cinco andares. Quanto à outra, adquirida em 1924, é autêntica peça de museu.

Em sua entrevista o comandante do Corpo de Bombeiros demonstrou ser perfeitamente exequível, em tempo recorde, a prática dos núcleos isolados, porquanto um dêles já existe — no pórtico do Recife — trabalhando com a máxima eficiência.

Cada núcleo isolado — frisou o comandante — disporia de carros apropriados, de fácil locomoção ime-

diata e, dêsse modo, se evitaria a propagação dos incêndios, porque, servindo a determinadas áreas, êsse corpo isolado, em poucos instantes, estaria no local e entraria logo em ação.

«É uma idéia prática o que uma cidade como o Recife está a exigir» — concluiu.

RIO DE JANEIRO

ALTERAÇÃO NO COMANDO

Os acontecimentos que, no mês de julho próximo passado, envolveram a Polícia Militar do Estado do Rio, podem resumir-se no seguinte:— te:—

1 — Depois de muitos anos, embora em caráter transitório, assumira o comando da milícia um oficial oriundo da própria corporação, o ten. cel. Jonathan Dezerto Bastos, várias vezes presidente do Clube dos Oficiais e figura de real prestígio na milícia estadual. Aguardava-se, por isso, que o govêrno o confirmasse naquele cargo ou que outro oficial da corporação para êle fôsse designado.

2 — Contrariando a expectativa geral, o govêrno nomeou o cap. Vinicius Despinoy, do Exército Brasileiro, até então comandante da Rádio Patrulha, oficial sem o curso de terminado pela Lei Federal 192, de vez que é graduado pelo Quadro de bora em caráter transitório, assumiu Oficiais Auxiliares.

3 — A agitação no seio da entidade, a onda de protestos em função do ato governamental, foi geral. Em declarações à imprensa, afirmou

o cel. Dezerto: «A nomeação de um capitão para comandar a gloriosa Polícia Militar do Estado é um ato que enxovalha e humilha a todos nós. Não estamos, em absoluto, praticando indisciplina contra o sr. governador. Pelo contrário, a Polícia Militar se mantém dentro de sua tradicional disciplina. O que se deseja, o que se solicita ao govêrno, é que escolha para comandante da Polícia Militar um de seus brilhantes oficiais».

E foi mais além, revelando a intenção de não transmitir o cargo ao cap. Vinicius: «Tive a oportunidade de prestar essa disposição ao próprio cap. Despinoy. Eu, pessoalmente, jamais me deixarei comandar por capitão. Não transmitirei o cargo se não ao sub-comandante e êste procederá como melhor entender.»

4 — Uma comissão de oficiais (cel. Wilson Moreira da Costa, major Romário Pôrto de Oliveira e cap. capelão José Nicodemo) foi enviada ao governador, para expôr a situação e solicitar a substituição do oficial indicado para o comando. Mas aquêle não se dispôs a recebê-la, enquanto não fôsse empossado o cap. Despinoy.

5 — O secretário da Segurança, em face dos acontecimentos, dirigiu-se à Polícia Militar e deu imediata posse ao capitão nomeado, agora já comissionado no posto de coronel, mesmo com a ausência dos oficiais.

6 — Enquanto isso acontecia, o Clube dos Oficiais, se erigia em assembléia permanente e o presidente desta, ten. cel. Martírio Otaviano de

Oliveira enviava ao governador Togo de Barros o seguinte telegrama: — «Em nome do Clube dos Officiais da Polícia Militar, reunido em sessão permanente, dentro dos sãos princípios e acatamento à autoridade de V. Excia., venho afirmar a segurança do nosso apóio, pedindo concretize mais um ato justo de seu govêrno nomeando para o comando geral da gloriosa milícia fluminense um official superior que satisfaça igualmente, ao indispensável requisito de confiança de V. Excia.. Neste ensejo desmentimos quaisquer notícias que foram ou venham a ser veiculada por outras fontes que não sejam o Clube dos Officiais, contrária às ordens emanadas do preclaro govêrno de V. Excia.. Respeitosas saudações».

7 — Respondendo em nome do governador Togo de Barros, o secretário do govêrno, sr. Edmundo Varela, telefonou ao cel. Martírio: «Levo ao conhecimento de v.s. que o sr. governador tomou na devida consideração os respeitosos e atenciosos termos de seu telegrama, declarando s. excia. ter em alta conta a valorosa corporação».

8 — Dias após o governador efetuou visita, sem prévia comunicação, à Polícia Militar. Fêz-se acompanhar do secretário do Govêrno, do seu ajudante de ordens e do diretor do Departamento do Serviço Público. Mandou anotar diversas providências de natureza administrativas, que se faziam necessárias. Saudado pelo cel. Vinicius Deispinoy, respondeu enaltecendo «a disciplina e a bravura da gloriosa Polícia Militar».

9 — Alguns dias depois, nomeou novo comandante o cel. Celso Bath Rosas, do Exêrcito, e que anteriormente já comandava a corporação. A 13 de agosto o novo comandante tomava posse, constando ter sido superado qualquer resquício de animosidade para com o govêrno estadual.

RIO GRANDE DO SUL

FINALMENTE INAUGURADO O QUARTEL DO C.B.

Governador presente ao ato

A inauguração do quartel do Corpo de Bombeiros, por diversas vêzes adiada, teve lugar, finalmente, no dia 8 de julho, com a presença do governador Ido Meneghetti, do major Euclides Triches, secretário de Obras Públicas, do sr. Hélio Carlomagno, secretário do Interior, do gen. Jaime de Almeida, comandante do III Exêrcito, do comandante da Brigada Militar, cel. Ildefonso Pereira de Albuquerque e outras altas autoridades.

Programa

O programa cumprido para essa inauguração, ansiosamente esperada por tôda a Brigada Militar e população portoalegrense, foi a seguinte: 8 horas — Retirada e demolição simbólica do velho quartel localizado na praça Rui Barbosa; 8,15 horas — deslocamento para o quartel novo, localizado na Rua Silva Só; 9 horas — Ato inaugural, com a presença das altas autoridades locais; 9,15 horas — Hasteamento do Pavilhão Nacional; 9,30 horas — Visita às dependências do novo quartel; 10,30 horas — Inauguração dos retratos

do governador Ildo Meneghetti e do cel. Ildefonso Pereira de Albuquerque, comandante Geral da Brigada Militar; 11 horas — Entrega de diplomas aos oficiais que concluíram o curso de especialização de bombeiros; 11,10 horas — Entrega de diplomas a beneméritos do Corpo de Bombeiros; 11,20 horas — Homenagem à imprensa; 11,30 horas — Coquetel oferecido às autoridades, convidados e jornalistas; 18 horas — Arriamento da Bandeira Nacional.

Novo quartel

O novo quartel, construído pela Secretaria das Obras Públicas, está situado em ponto estratégico, no centro físico da cidade. Possui uma área de 7.477m²., tendo custado ao Estado a soma de 40 milhões 181 mil 593 cruzeiros até o momento. Dez milhões foram despendidos somente na desapropriação do terreno. O restante da despesa foi com a construção de dois pavilhões para sub-unidade e pavilhão destinado às oficinas, cozinha, lavanderia, câmara frigorífica, torre para secagem de mangueiras e pavimentação do pátio.

Aumento de vencimentos Comandante dá notícias

Diversas entidades congregadoras dos servidores estaduais vêm se movimentando no sentido de obter novos padrões de vencimentos, fenômeno que se generaliza por toda a Nação. Com a Brigada Militar, porém, não ocorre o mesmo, embora se saiba que a milícia não está esquecida.

O cel. Ildefonso Pereira de Albuquerque, procurado pela reportagem

de um dos diários de Pôrto Alegre, informou:

«De nada adiantaria estarmos fazendo demagogia com uma necessidade impélica para a Brigada, como é o caso do aumento de vencimentos para seus servidores. Devemos, e isto foi o que fizemos, planejá-la, estudá-la e levá-la aos canais competentes. O governador do Estado, Dr. Ildo Meneghetti, já tem conhecimento de nossas pretensões e dele tive a satisfação de ouvir que não se esqueceu da Brigada Militar e de nenhuma outra repartição de seu governo.

Tão pronto a situação financeira do Estado permita, S. Excia. encaminhará à Egrégia Assembléia Legislativa um reajustamento nos vencimentos de todos os funcionários do Estado, e neste estará incluída a Brigada Militar.

Posso adiantar, entretanto, e o faço com satisfação, no que tange à melhoria do padrão de vida dos nossos homens, que será encaminhado, em breve, ao Poder Legislativo pelo sr. governador, o projeto do novo Código de Vencimentos do Pessoal da Brigada Militar. O projeto aludido, totalmente refundido e atualizado, já se acha em tramitação e estará nos próximos dias em mãos do sr. governador, que nos prometeu encaminhá-lo, em seguida à pente.

O Código em referência condensa num corpo de lei único diversas vantagens atribuídas ao pessoal da corporação em leis esparsas a outras que constituem velhas e sentidas aspirações dos brigadianos.»

Comemorado em São Paulo o Movimento de 1932

Numerosos e imponentes foram os atos de civismo com que se comemorou em todo o Estado a passagem do 26.º aniversário da revolução constitucionalista de 1932, transcorrido a 9 de julho do ano em curso.

Depois de várias solenidades levadas a efeito em cidades do interior, a Sociedade dos Veteranos de 1932 — M.M.D.C. promoveu, no dia 7 daquele mês, a exumação dos despojos de oito combatentes daquele movimento. Juntamente com os restos mortais de outros três, removidos do interior, estiveram expostos à visiação pública, na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, até o dia seguinte, quando foram transportados para o mausoléu-monumento do Ibirapuera.

Encontro dos heróis

Exatamente às 16,30 horas de 7 de julho, na praça da República, deu-se o encontro entre os despojos trazidos do interior e os da capital do Estado. Uma hora antes um cortejo partiu do cemitério São Paulo, levando os restos mortais dos combatentes de 32 lá sepultados, com destino ao cemitério do Araçá, onde se uniu aos veteranos que conduziam os exumados naquela necrópole. De lá, foi encontrar-se com os exumados no cemitério da Consolação, de onde se dirigiu o cortejo para o encontro solene da praça da República.

Os despojos foram transportados em viatura do Corpo de Bombeiros, escoltada por veteranos do movimento constitucionalista. Na praça da República, foram retirados dos veículos para serem levados à Fa-

culdade de Direito — um dos focos revolucionários de 1932. A última parte do trajeto foi feita a pé, sendo as urnas que continham os despojos conduzidas pelos próprios familiares dos mortos. Durante todo o percurso, os clarins da Fôrça Pública executaram toques fúnebres. O cortejo foi encabeçado por batedores da Guarda Civil e cavalarianos da Fôrça.

Na Faculdade

No tradicional estabelecimento de ensino superior do largo de São Francisco, as urnas foram recebidas pelo vice-diretor, prof. Antônio da Gama e Silva, e depositadas no saguão, com guarda de honra formada por elementos da Fôrça Pública e de outras corporações.

Diversos oradores fizeram-se ouvir, entre veteranos, autoridades e representantes de entidades. Na Facul-

dade, os despojos permaneceram até o dia seguinte, quando foram removidos para a Catedral Metropolitana. Antes de deixarem o local, os veteranos mortos tiveram suas almas encomendadas, de conformidade com os ritos católico-romanos. A seguir, foram conduzidas para o templo da Sé.

Na Catedral

Na Catedral, as urnas permaneceram até o dia seguinte, quando foram transportadas para a última morada dos heróis — o mausoléu-monumento erguido no parque do Ibirapuera.

Na Sé, ficaram expostas à visitação pública, com guarda de honra formada por veteranos de 32, juntamente com os componentes da Fôrça Pública e da Guarda Civil. As portas do templo fecharam-se às 21 horas, reabrindo-se às 6 do dia seguinte - 9 de julho - e, às 8, foi celebrada missa solene de «requiem».

No Mausoléu

Finalmente, foram as cinzas dos mortos conduzidas para o mausoléu onde ficaram depositadas. Na ocasião, o poeta Guilherme de Almeida leu sua oração «Última Trincheira», inspirada no movimento, em que o poeta tomou parte ativa. Houve desfile em continência aos que tombaram em 32 e, por último, o toque de silêncio coroou a cerimônia.

Numerosos soldados paulistas tombaram no movimento constitucionalista. O monumento do Ibirapuera

foi construído para abrigar seus corpos, como panteão dos combatentes de 32. Neste ano, onze urnas foram lá depositadas, com os restos mortais de onze revolucionários. Nos próximos anos, deverão continuar solenemente as exumações, para que todos durmam lá o sono eterno.

Os onze mortos

Nos cemitérios da capital de São Paulo foram exumados os despojos dos seguintes combatentes: cel. Romão Gomes, da Fôrça Pública; ten. Francisco de Paula Pacheco Colli, do C.P.O.R.; voluntários José Costa Júnior, do «Batalhão do Rio Grande do Norte»; voluntário Ari Cajado de Oliveira, do 2.º B.C.D.; major José Marcelino da Fonseca, da Fôrça Pública; major Ismael Torre Guilherme Cristiano, também da milícia paulista; voluntário Lauro de Barros Penteado, ex-aluno do colégio Mackenzie; e Orlando de Oliveira Alvarenga, morto na praça pública.

Outros três vieram de cidades do interior. São eles: voluntário José Vicente Ferreira, sepultado em Marília; voluntário Rubens Fraga de Toledo Arruda, em Bauru; e cap. Silvío Fleming, em Itu. O cortejo que os conduziu, passou em diversos municípios, onde os mortos foram homenageados. Assim, o cortejo percorreu o seguinte itinerário: Marília, Garça, Duartina, Bauru, Agudos, Lençóis Paulista, São Manuel, Botucatu, Conchas, Laranjal Paulista, Tietê, Pôrto Feliz, Itu e Jundiá.

Congresso de Direito Penal Militar no Rio

De 8 a 16 de junho do corrente ano, realizou-se na capital federal o I Congresso de Direito Penal Militar, organizado pelo Superior Tribunal Militar, como parte das comemorações do sesquicentenário de criação daquele órgão. Lá estiveram representados todos os organismos de Justiça Militar, não só federais, mas também estaduais. Cerca de 200 delegados participaram do conclave, incluindo numerosos professores de direito das diversas faculdades do país. O Tribunal de Justiça Militar do Estado de São Paulo para lá enviou seu presidente, juiz Antônio de Oliveira Costa, e o cel. Odilon Aquino de Oliveira, juiz vice-presidente.

QUASE CEM TESES

As teses apresentadas atingiram quase uma centena. Grande número delas prendia-se a assuntos referentes à competência para julgar crimes de policiais militares em serviço de policiamento bem como à aplicação de Código Penal Militar à espécie. Uma das teses partiu do órgão estadual de Justiça Militar em São Paulo, tese essa que, depois de acalorados debates, saiu vitoriosa, embora com pe-

quena margem de votos. De acôrdo com ela, compete à Justiça Militar julgar aquêles crimes.

Outra tese visava exigir que os Conselhos dos Tribunais fossem presididos sempre por auditores e impedir que os oficiais membros participassem de quaisquer sessões de julgamento. Baseava-se no fato de que, em regra, os oficiais, que fazem parte do Conselho durante três meses são substituídos no desenrolar do processo. Contudo, nem sempre se verificou tal fato e, depois de agitados debates, a tese não logrou aprovação.

MENÇÃO AO I CONGRESSO DAS POLÍCIAS MILITARES

Na sessão inaugural do Congresso, o orador oficial mencionou o I Congresso das Polícias Militares, realizado em Campos do Jordão em 1951, sob o patrocínio do nosso Clube dos Oficiais. Acentuou o orador que foi a primeira vez que, em um congresso, se tratou de assuntos referentes à organização e competência da Justiça Militar. Pela primeira vez, naquele certame, se debateu a elaboração de um programa a esse respeito.

Decálogo preventivo contra incêndios

- 1) — **NÃO** deixe fósforos ao alcance das crianças.
- 2) — **NÃO** saia de casa sem antes verificar se não esqueceu o ferro elétrico ligado ou a torneira de gás aberta.
- 3) — **NÃO** faça ligações elétricas “de emergência”; procure sempre técnicos competentes para fazê-las em definitivo.
- 4) — **NÃO** faça concorrência aos fabricantes de cêra, tentando fabricá-la em sua casa; essa economia não compensa o grande risco de um incêndio.
- 5) — **NÃO** jogue palitos de fósforos e pontas de cigarro usados, sem antes verificar se estão completamente apagados e escolha o lugar onde jogá-los.
- 6) — **NÃO** queira substituir o fuzível queimado por uma moeda ou outro recurso caseiro; use um fuzível novo e de capacidade adequada.
- 7) — **NÃO** trabalhe com material inflamável ou de fácil combustão sem antes certificar-se de que não há fogo por perto.
- 8) — **NÃO** queira dar uma “fumadinha” durante os instantes em que o tanque de seu automóvel está recebendo gasolina.
- 9) — **NÃO** guarde cêra, gasolina para limpeza, solventes ou álcool em lugares próximos de fogo e do alcance de crianças.
- 10) — **NÃO** solte balões nem queime fogos; ambos provocam acidentes dos mais graves, levando a destruição, o desemprego e a miséria a muitas famílias.

A IMPRUDÊNCIA e o DESCUIDO constituem os MAIORES INIMIGOS de sua VIDA, de seu LAR e de seu BOLSO !

Contribuição de «MILITIA».

Destaques da Fôrça Pública

Mais dois meses agitados viveu a Fôrça Pública, da mesma forma que todo o organismo policial de São Paulo, enquanto, no interior, nossos milicianos continuam a vigilância contínua em defesa da ordem. Como já foi amplamente divulgado, todo o efetivo da corporação está empenhado no policiamento. E a população tem tomado conhecimento de nossas atividades, por meio da imprensa. Ao mesmo tempo, oficiais que fizeram cursos no exterior realizaram uma série de conferências públicas a respeito da organização policial.

PLANO DE POLICIAMENTO

O plano de policiamento elaborado para a capital paulista consta de duas partes distintas: a) cobertura de tôda a área da capital, com policiamento ininterrupto, executado por viaturas da Rádio-Patrolha, cada uma dentro de seu setor, prèviamente deimitado; b) policiamento dos focos de incidência da criminalidade, por milicianos a pé, em ligação com as viaturas da R.P.

A cidade foi dividida em 45 setores, para as 45 viaturas da Rádio-Patrolha. O levantamento diário das ocorrências determinou a extensão variada dos setores, segundo os diferentes índices de criminalidade. O tamanho de cada setor varia na razão inversa da concentração das ocorrências. Critério idêntico foi adotado para o policiamento a pé, deslocando-se os postos de acôrdo com a maior ou menor incidência criminal.

Até fins de agôsto, já estava em pleno desenvolvimento o policiamento a pé. Quanto às viaturas, o plano está sendo executado parceladamente, em

vista da mudança de orientação que se torna necessária. Os carros, que faziam policiamento essencialmente repressivo, pondo-se em movimento só para atender a ocorrências, passarão a circular continuamente. Tal mudança implica em quebra da velha rotina, o que requer algum tempo para sua consecução.

TODO O EFETIVO

Ultimamente, a imprensa paulista vem divulgando o emprêgo intensivo da Fôrça Pública no policiamento. Todos os componentes da milícia concorrem ao serviço de manutenção da ordem, através de policiamento preventivo e repressivo, que se desenrola durante as 24 horas do dia.

Só na capital, elementos da Fôrça cobrem a área de nove circunscrições policiais. Metade do serviço da Rádio-Patrolha cabe à corporação. Buscas com o auxílio de cães amestrados e outros serviços de caráter especial são desempenhados igualmente por nossa milícia, cada vez mais intensamente. Por outro lado, há numerosos oficiais e sargentos em funções de delegado e

subdelegado no interior. Tudo isso vem sendo feito com um efetivo aquém do fixado em lei e sem prejuízo das diversas guardas que sempre estiveram afeitas à Fôrça Pública.

BOMBEIROS PARA O INTERIOR

Em diversos municípios do interior paulista, está em estudos a instalação de postos de bombeiros, para atender a sinistros locais. Até o momento, os bombeiros da capital precisam deslocar-se constantemente para diversas cidades de regiões vizinhas, em prejuízo das populações e com grande esforço dos soldados do fogo.

Mesmo na capital, já foram instalados diversos postos em pontos afastados. No decorrer do último mês, sentiu-se necessidade de mais postos e de maior prevenção contra incêndios. A última sêca ocasionou numerosos incêndios em matas, mantendo os bombeiros paulistanos em ação constante.

INICIADA A SEMANA DA PÁTRIA

No último dia de agôsto, tiveram início as comemorações da Semana da Pátria, de que a Fôrça Pública participou ativamente, como ocorre todos os anos.

NOVA SEDE PARA O CLUBE DOS OFICIAIS

Em assembléa geral extraordinária realizada a 29 de julho último, a diretoria do Clube dos Oficiais foi autorizada, por unanimidade, a contrair empréstimo, até o montante de 15 milhões de cruzeiros, com o fim de obter os meios necessários à construção da sede própria, em terreno cedido à entidade, em comodato. Para obtenção do empréstimo, a assembléa autorizou inclu-

sive hipotecar, se necessário, a Colônia de Férias de São Vicente.

SESSÃO LÍTERO-MUSICAL

Sob a presidência do major Olímpio de Oliveira Pimentel, a Associação dos Oficiais Reformados e da Reserva da Fôrça Pública promoveu, a 2 de agôsto último, em sua sede social, uma sessão lítero-musical. Além de vários numeros de musica, foram projetados dois filmes documentários — um deles inspirado em motivos folclóricos e outro versando sôbre Cunha, localidade que se celebrou durante o movimento constitucionalista de 1932. Na mesma ocasião, o cel. Heliodoro Tenório da Rocha Marques proferiu uma conferência subordinada ao tema "A Autonomia do Estado e a Reforma da Polícia Civil e Militar". Outro ato constou da entrega da medalha "Tobias de Aguiar" aos seguintes condecorados: gen. Miguel Costa, cel. Manuel de Carvalho Vilar, cel. Pedro Ribeiro Filho, ten. cel. Euclides Marques Machado e major Olímpio de Oliveira Pimentel.

* * *

MAIS QUINHENTOS MILICIANOS

No decorrer do último mês de julho, deu-se início à inscrição de candidatos às quinhentas vagas existentes na Fôrça Pública. Diariamente, apresentam-se voluntários, que são submetidos a exames de saúde física e mental, bem como a provas de português e aritmética.

No momento em que redigíamos esta noticia, a Secção de Alistamento atendia a cêrca de quarenta candidatos por dia. Calcula-se que milhares se apresentarão durante alguns meses, devendo a seleção ser rigorosa.

Ao mesmo tempo, foram abertas inscrições para o concurso de 1.º tenente-médico, do Serviço de Saúde. Há vagas nas especialidades de cardiologia, psiquiatria e analista.

O Brasil em Dois Meses

Continua o bovêrno federal em sua firme disposição de levar avante a chamada "operação panamericana". Enquanto isso, Brasília toma forma, estradas são abertas e capitais estrangeiras são atraídos. Prossegue o drama do café que, apesar dos pesares, ainda é o rei da economia nacional, até hoje prêsã à monocultura. Outros dramazinhos e dramalhões surgem, problemas nacionais nos assoberbam e tropas brasileiras embarcam para Suez, em substituição às que lá se achavam.

Ainda a Operação Panamericana

Com o apoio de várias nações da América Latina, prossegue a chamada "operação panamericana", que reivindica nova posição para nossos países. A atitude do presidente brasileiro atraiu a atenção de outros govêrnos e os Estados Unidos enviaram seu secretário de Estado a nosso país, para tratar de diversos assuntos.

A VISITA DE DULLES

O objeto e os resultados da visita do secretário de Estado norte-americano, sr. Foster Dulles, foram alvo de acirradas controvérsias. Ventilou-se mesmo a questão do petróleo, que provocou debates pró e contra o monopólio estatal. Entretanto nada de importante transpirou dos entendimentos.

O que teve mais repercussão foram os atos protocolares e, principalmente, a célebre fotografia em que o presidente da República aparece de pé, diante do sr. Dulles sentado. Recordase que aquela foto deu margem a desenfreada exploração e a comentários imprudentes. Foi inclusive reproduzida

no exterior, com as legendas mais desencontradas. E tudo resultou de um acaso, isto é, do simples fato de que o visitante não entendeu português e, por isso, não atendeu ao pedido do fotógrafo, que desejava o instantâneo de um aperto de mão entre êle e o presidente Kubitschek. E êste atendeu prontamente, sendo imitado com atraso pelo visitante.

IMPORTAÇÃO DE SUCATÁ

Noticiou-se, em fins de julho, que estava em estudos a importação de 100.000 toneladas de sucata nos Estados Unidos. Economistas salientaram que o abastecimento interno se tornou mais difícil, ultimamente, em vista da grande procura de produtos siderúrgicos, o que acarreta a elevação dos preços da matéria prima.

A CRISE CAFEEIRA

Continua a crise de nosso café. Debates, sugestões, medidas diversas — nada conseguiu recolocar o produto no lugar que lhe compete para estabilização de nossa política econômica.



Depois dos folguedos, alimentos sadios!

Sobas, cremes, carnes, vegetais e deliciosas sobremesas resultam um maior valor nutritivo quando preparados com "MAIZENA", o alimento preferido pelo seu sabor e digestibilidade.

AMIDO DE MILHO **MAIZENA** MARCA REGISTRADA



TRIANGULO

Enquanto isso, está para realizar-se, a convite da França, uma reunião internacional, de que deverão participar representantes de países do velho mundo, produtores de café. As nações sul-americanas cuja economia depende da rubiácea não tomaram iniciativa alguma nesse sentido. Ao Brasil, como à Colômbia, resta a esperança de um convite para participar da reunião.

BORRACHA EM SÃO PAULO

Prevê-se para breve o início do plantio de seringueiras no litoral paulista e em zonas favoráveis do planalto. Para que o trabalho comece em outubro próximo, o Departamento de Produção Vegetal da Secretaria da Agricultura do Estado decidiu pôr à venda de quatrocentas a quinhentas mil mudas de seringueiras. Espera-se o cultivo de uma área de 20.000 hectares, dentro dos próximos 5 anos.

Assim, surtirá efeito experiência realizada há anos, para demonstrar os bons resultados comerciais da plantação de seringueiras em nosso clima. Sendo cumprido o programa, o eixo econômico da borracha se deslocará da Amazô-

nia, onde é nativa, para o sul, onde poderá ser conseguida uma produção racional, em condições melhores que as do norte e mesmo da Ásia.

INDÚSTRIA NAVAL

Em 15 de julho último, foi assinado decreto que fixa as bases para a porcentagem de nacionalização de nossa indústria de construção naval. O mesmo diploma legal dispõe sobre a elaboração de projetos e os primeiros planos para a construção de grandes estaleiros, a cargo do GEICON (Grupo Executivo da Construção Naval).

DEFESA DA PAZ

Em defesa da paz, ocuparam ponto de destaque na conferência inter-parlamentar recentemente havida no Rio de Janeiro, os debates sobre a cessação de experiências com armas atômicas.

Outro fato referente à paz internacional foi o embarque de mais um batalhão brasileiro para Suez. Aquela unidade, que seguiu na primeira quinzena deste mês de agosto, foi substituir a tropa anteriormente enviada por nosso país para aquela zona.

O BIMESTRE NO MUNDO

Estes dois meses se escoaram com a atmosfera do mundo carregada. Explosões nucleares se sucederam, com ameaças à segurança da humanidade e a radiatividade assusta as populações. Ao mesmo tempo, os acontecimentos do oriente médio são um fator de intranqüilidade, enquanto chineses continentais e de Formosa se preparam para a batalha final, em que se teme a intervenção de potências estranhas. E a conferência de cúpula — esperança de paz — continua a ser adiada.

AGITAÇÃO NO MUNDO ARABE

Depois de distúrbios que se generalizavam no Iraque e após muita morte e desordens, um golpe de estado encerrou o ciclo revolucionário naquele país, a 14 de julho do corrente ano. O jovem soberano, preocupado com seu luxo pessoal e com o casamento nababesco que pretendia realizar, foi morto a tiros e a República foi proclamada.

Mas, enquanto o rei Faïçal morria no Iraque, seu colega Hussein procurava proteger-se, na Jordânia. Seu trono estava ameaçado, devido ao entusiasmo crescente pelo panarabismo e aos anseios de emancipação econômica do Islão. E, no dia seguinte, tropas norte-americanas trataram de aproximar-se, desembarcando no Líbano. A Casa Branca noticiou que o fazia a pedido do presidente Chamoun.

Dois dias depois, paraquedistas britânicos saltavam na Jordânia, segundo informação de Londres, para atender a pedido do rei Hussein. Ao mesmo tempo, novas tropas dos Estados Unidos se dirigiam àquela região e desembarcavam na Turquia. Por outro lado, a esquadra soviética do mar Negro passou

a fazer manobras naquela área, enquanto o exército vermelho se movimentava nas imediações da fronteira e os búlgaros faziam o mesmo em seu país.

UMA ESPERANÇA

Numerosos desentendimentos abalarão o mundo durante o bimestre, no que diz respeito aos países árabes. Na Organização das Nações Unidas, a Noruega procurou pacificar os ânimos, com um projeto a esse respeito. Mas novo plano foi apresentado pela República Árabe Unida e a delegação norueguesa retirou seu projeto. Afinal, no último dia 22, a Assembléia Geral da ONU aprovou-o por unanimidade. É uma esperança.

NO EXTREMO ORIENTE

Nos últimos dias de agosto, voltou a pegar fogo o extremo oriente, com o recrudescimento da luta entre comunistas e nacionalistas chineses, no estreito de Formosa. As ilhas Quemoi têm sido intensamente bombardeadas pela artilharia e pela aviação da China continental. Parece iminente a invasão de

Formosa e Chiang-Kai-Cheque trata de defender seu último reduto.

Por outro lado, também os norte-americanos estão em atividade na região. A 7.ª frota dos Estados Unidos faz manobras e a Casa Branca já se manifestou disposta a intervir em defesa do governo de Chiang-Kai-Cheque. Quanto aos soviéticos, advertem os dirigentes ianques contra qualquer agressão.

PERDURA A CRISE FRANCESA

Recentemente, foi preparado um avião especial para De Gaulle e sua comitiva realizarem extensa viagem. Cama de tamanho suficiente para a estatura do general, cardápio refinado para a longa viagem, acomodações condignas — tudo foi convenientemente executado a bordo do aparelho, que se acha agora em viagem através de regiões africanas.

O primeiro ministro francês realiza uma excursão de propaganda em defesa do projeto de constituição que deseja ver aprovado. Entretanto, perdura a crise, com o descontentamento reinante não só no continente negro, mas no próprio território metropolitano. Há esperança, não muito segura de que ela seja solucionada no mês de setembro.

SATÉLITES E FOGUETES

Cientistas de todo o mundo continuam as experiências de exploração do

espaço sideral. Os soviéticos fazem grandes projetos e os norte-americanos tentativas. O projetado foguete que deveria atingir a lua, subiu um pouco, no dia 17 de agosto, e caiu ao mar, a 10 milhas de distância, depois de 77 segundos. Foi mais uma experiência fracassada, mas os satélites artificiais continuam a rodar em torno do globo.

Em fins do mês anterior, conseguiram colocar na órbita mais uma lua-zinha da classe dos "Exploradores". Seu tamanho é algumas vezes inferior ao menor dos "sputniks".

MORRE UM CIENTISTA

Frédéric Joliot-Curie, prêmio Nobel de física, faleceu a 14 de agosto. Foi uma perda irreparável para a humanidade. Ao lado de sua esposa Irene Joliot-Curie, foi autor de numerosas descobertas, entre as quais a da radiatividade artificial, e o nome de ambos era respeitado em todo o mundo da ciência. Irene Curie desapareceu há dois anos, deixando um lugar vazio a seu lado.

PETRÓLEO NA ARGENTINA

Recentemente foi divulgado que a Argentina produz petróleo extraído de 3.000 poços situados em seu território, com uma reserva de quase três milhões de barris. A política do presidente Frondizi em relação à indústria petrolífera vem sendo observada com atenção em nosso país, devido a acordos feitos ultimamente com companhias estrangeiras.

A felicidade não é mais que a corajosa vontade de viver, aceitando as condições da vida.

Maurice Barrès

São Paulo em festas recebeu os campeões

No dia 3 de julho último, as unidades da Força Pública, aquarteladas na capital, foram quase inteiramente empenhadas na manutenção da ordem, nas comemorações levadas a efeito por ocasião da chegada a São Paulo dos campeões mundiais de futebol de 1.958. A despeito de todas as dificuldades, o serviço se fez a contento, ao lado da Guarda Civil.

CARROS DE BOMBEIROS

Viaturas do Corpo de Bombeiros conduziram a delegação brasileira, do aeroporto de Congonhas ao Estádio do Pacaembu, onde lhes foi prestada apoteótica homenagem. No trajeto, os carros vermelhos dos soldados do fogo levaram os campeões a vários pontos da cidade, precedidos por batedores do Pelotão de Motociclistas da Força Pública.

A taça "Jules Rimet", no carro-testa, iluminada convenientemente, provocava exclamações de júbilo da multidão que se aglomerava ao longo das avenidas. O cortejo foi feito lentamente, durante horas seguidas, em virtude do entusiasmo do público que, em alguns pontos, chegou a romper os cordões de isolamento. Entretanto, o policiamento intensivo feito pela Força Pública e pela Guarda Civil, bem como a índole pacífica do povo, fizeram com que tudo se processasse sem maiores contratempos e nada de grave ocorreu.

SÃO PAULO NAO PAROU

Para melhor homenagear os jogadores, foi decretado ponto facultativo nas repartições estaduais e municipais da capital. É bem verdade que numerosos comentaristas alertaram o governo para evitar exageros, mas o Estado e o município quiseram associar-se ao povo nas suas manifestações e o fizeram interrompendo o trabalho.

Por outro lado, comerciários e trabalhadores em geral suspenderam também suas atividades, para aguardar a chegada do selecionado vitorioso. A reportagem não era possível obrigar os operários a mou haver fechado sua fábrica porque gem encontrou um industrial que informou executar um serviço produtivo, em vista da euforia reinante. Assim é que aquele estabelecimento parou, como também pararam inúmeras fábricas, casas de comércio, escritórios etc. Em suma, a cidade parou.

AS FORÇAS ARMADAS

Aviões da FAB, por ocasião da chegada, sobrevoaram a região do aeroporto, para delírio do público, entusiasmado com os voos rasantes. No Pacaembu, a Polícia do Exército montava guarda diante do portão principal. Em todo trajeto, altas autoridades militares prestaram seu concurso.

Campeonato Interno

CAMPEONATO DE 1958

Presentes o coronel comandante geral, chefe do Estado Maior, comandantes de Carpos, chefes de Serviços e outras autoridades, tiveram início a 20 de junho último, no Ginásio "Delphin Balancier", da Escola de Educação Física, os campeonatos de bola ao cesto e volibol, nos círculos de oficiais e sargentos, a exem-



Oficiais campeões de bola ao cesto

* * *

plo do que se faz em todos os anos, cumprindo o calendário desportivo, organizado e aprovado e em pleno desenvolvimento.

Decorreram em clima de bastante entusiasmo por parte das equipes concorrentes. A Escola de Educação Física, que os organizou, empenhou-se da melhor maneira possível, a fim de que brilhassem neste ano como nos anteriores. Escalou para arbitrar as pugnas das duas modalidades e nos dois círculos os seguintes juizes: ten: Alberto Gonçalves do Moura, ten. Alcione Pinheiros de Castro, ten. Luis C. Pontes Fabri e sgts. Orlando, Matias, Vitoriano e João Rodrigues. Mesários: sgts. Silva Juraci e Hidalgo.

Tôdas as unidades da corporação participaram do certame.

Reservou-se para a noite de 12 do

corrente a sua finalização, cabendo as disputas finais aos seguintes conjuntos: bola ao cesto — oficiais 7.º B.C. Q.G.; volibol - sargentos: C.B. x B.R.P.; bola ao cesto oficiais: 7.º B.C. x Q.G.;

A essa noite desportiva final, compareceram, além do ten. cel. José Rufino Freire Sobrinho, chefe int.º do E.M., e do major Aduauto Fernandes de Andrade, cmt. da E.E.F., oficiais representantes de Unidades, e convidados. Houve uma singela solenidade no final daquelas disputas, sagrando-se campeões as seguintes Unidades:

VOLIBOL

Oficiais - campeão: SERVIÇOS; vice-campeão: B.T. Sargentos - campeão: C.B.; vice - campeão: B.R.P.

BOLA AO CESTO

Oficiais - campeão: 7.º B.C. (Sorocaba); vice-campeão: Q.G. Sargentos — campeão: C.F.A.; vice-campeão: B.R.P.

7.º: BI-CAMPEAO

Cumprе ressaltar que o 7.º B.C., Unidade sediada no interior, não tem medido sacrificios, comparecendo em todos os campeonatos. Com essa vitória, seus oficiais bisaram o feito do ano anterior, tornando-se bi-campeões.



NOSSOS REPRESENTANTES

Representam MILITIA no Exterior, nos Estados e Territórios

BOLÍVIA (Cuerpo de Carabineros)

— Dirección General de Policía (La Paz) — Cap. Saul Herbas Casanovas

CHILE (Cuerpo de Carabineros)

— Prefectura General (Valparaiso) — Capitán Franklin Troncoso Bacle.
— IV Zona de Carabineros (Concepcion) — Capitán Moysés Suty Castro
— Av. Portales, 940 — Depto. 35 (San Bernardo) — Cap. Efraim de la Fuente Gonzalez.

ACRE (Guarda Territorial)

— Q.G. (Rio Branco) — Ten. Carlos Martinho Rodrigues Albuquerque

ALAGOAS (Policia Militar)

— Q.G. (Maceió) — Cap. Sebastião Ribeiro de Carvalho.
— Destacamento Policial (São Brás) — Sgt. José Pereira da Silva

AMAPA (Guarda Territorial)

— Séde (Macapá) — Ten. Uadih Charone

AMAZONAS (Policia Militar e Corpo de Bombeiros)

— Cap. José Silva

BAHIA (Policia Militar)

— Palácio da Aclamação (Salvador) — Major Edson Franklin de Queiroz
— 2.º B.C. (Ilhéus) — Cap. Horton Pereira de Olinda
— 3.º B.C. (Juazeiro) — Cap. Salatiel Pereira de Queiroz
— Corpo Municipal de Bombeiros (Salvador) — Praça Veteranos — Cap. Alvaro Albano de Oliveira.

CEARA (Policia Militar)

— B.I. (Fortaleza) — Major José Delídio Pereira

DISTRITO FEDERAL (Policia Militar)

— Q.G. (Rio de Janeiro, D.F.) — Ten. Luís Alberto de Sousa
— R.C. (Rio de Janeiro, D.F.) — Ten. Hernani Alves de Brito Melo
— EFO (Rio de Janeiro, DF) — Cadete Enio Nascimento dos Reis
— Corpo de Bombeiros (Rio de Janeiro, D.F.) — Ten. Fernando Carlos Machado.

ESPIRITO SANTO (Policia Militar)

— Q.G. (Vitória) — Ten. João Nascimento dos Reis

GOIAS (Policia Militar)

— Q.G. (Goianíia) — Cap. Antônio Bomfim dos Santos
— 2.º B.C. (Goíás) — Ten. Rui Barbosa de Moura

MARANHAO (Força Policial)

— Q.G. (São Luís) — Cap. Euripedes Bernardine Bezerra

MATO GROSSO (Policia Militar)

— Comando Geral e 1.º B.C. (Cuiabá) — Asp. Pernufio da Costa Leite Filho
— 2.º B.C. — (Campo Grande) — Cel. Bevilaqua de Souza Soares
— 2.a Cia. do 2.º B.C. — (Ponta Porã) Sgt. Francisco Romero

MINAS GERAIS (Policia Militar)

— Q.G. (Belo Horizonte) Ten. Carlos Augusto da Costa
— 3.º B.I. (Diamantina) — Ten. Geraldo Francisco Marques
— 7.º B.I. (Bom Despacho) — Cap. José Guilherme Ferreira
— 8.º B.I. (Lavras) — Ten. Felisberto Cassimiro Ribeiro
— 9.º B.I. (Barbacena) — Ten. Manoel Tavares Corrêa.

PARA (Policia Militar)

— Q.G. (Belém) Major Dr. Walter da Silva

PARAIBA (Polícia Militar)

— Q.G. (João Pessoa) — Ten. Luis Ferreira Barros

PARANA (Polícia Militar)

— Q.G. — (Curitiba) — Ten. Eosny de Sena Maria Sobrinho

PIAUI (Polícia Militar)

— Q.G. (Teresina) — Ten. Elesbão Soares

RIO DE JANEIRO (Polícia Militar)

— Q.G. — Cap. Ademar Guilherme

RIO GRANDE DO NORTE (Polícia Militar)

— Q.G. (Natal) — Major Antônio Moraes Neto

RIO GRANDE DO SUL (Brigada Militar)

— Q.G. (Porto Alegre) — Ten. Julio Soveral da Rosa

— 4.º B.C. (Pelotas) — Cap. Renato Moro Ramos

— 2.º R.C. (Livramento) — Ten. Carlos Cravo Rodrigues

SANTA CATARINA (Polícia Militar)

— Q.G. (Florianoópolis) — Ten. Vilmar Teodoro

— 3.a Cia. Isolada (Canoinhas) — Ten. Edgard Campos Pereira

SÃO PAULO (Força Pública)

— Q.G. (Capital) — Major Nelson Agostinho Ferreira

— C.F.A. — (Capital) — C.A.O. — Ten. Valdomiro de Abreu

— C.C.S. — Cap. Salvador de Cico

— F.M.I. — Sgt. Osvaldo Varela

— B.G. (Capital) —

— Btl. "Tobias de Aguiar" (Capital) — Cap. Ari José Mercadante

— R.C. (Capital) — Asp. Jair Benedito Conte

— C.B. (Capital) — Ten. Luiz Augusto Savioli

— B.R.P. (Capital) Cap. Antonio Silva

— 2.º B.C. (Capital) — Ten. João de Oliveira Leite

— 3.º B.C. — (Ribeirão Preto) — Ten. Nelson Homem de Melo

— 4.º B.C. (Bauru) — Ten. Aparecido do Amaral Gurgel

— 5.º B.C. (Taubaté) — Ten. Mário Ferreira

— 6.º B.C. (Santos) — Ten. Gilberto Tului Vilanova

— 7.º B.C. — (Sorocaba) — Ten. Antônio Carlos Martins Fernandes

— 8.º B.C. (Campinas) — Ten. Francisco de Oliveira Andrade

— 3.º B.I. (Capital) Ten. Francisco Rodrigues

— S.I. (Capital) — Ten. Alvaro Júlio Pielusch Altmann

— S.F. (Capital) Ten. Salvador Scafoglio

— S.Subs. (Capital) — Ten. Antonio Meneghetti

— E.E.F. (Capital) — Ten. Diomar de Melo Torquato

— S.T.M. (Capital) — Ten. José Varela

— S.S. - H.M. (Capital) Ten. José Augusto Rezende

— C.M. (Capital) — Sgt. José Romeu

— 1.ª Cia. Ind. (Mogi das Cruzes) — Cap. Alfredo de Paula das Neves

— 2.a Cia. Ind. — (São José do Rio Preto) — Ten. Rui da Silva Freitas

— 3.a Cia. Ind. — (Presidente Prudente) — Cap. Sebastião Lopes

— 4.ª Cia. Ind. (Araraquara) — Ten. Adalberto José Gouvêa

— 1.ª C.I.B. (Santos) — Cap. Paulo Marques Pereira

— Cia. de Policiamento Rodoviário (Capital) — Ten. Flávio Capeletti

— Polícia Florestal (Capital) — Cap. Teodoro Nicolau Salgado.

SERGIPE (Polícia Militar)

— Q.G. (Aracaju) — Cap. Renato de Freitas Brandão

Além dos supra mencionados, mantemos agentes em todas as cidades do interior do Estado de São Paulo e ainda em numerosas outras cidades do Brasil.

PALAVRAS CRUZADAS

HORIZONTAIS

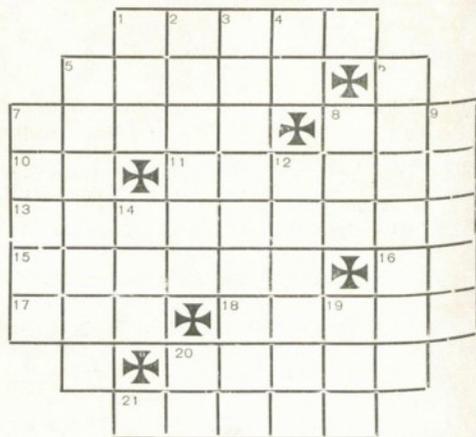
1 — Conhecimento, 5 — Lugar de contenda, 7 — agradecida, 8 — Fileira, 10 — Antes de Cristo, 11 — Sacrificar, 13 — Espécie de alaude, 15 — Embrear, 16 — A ti, 17 — Camareiro, 18 — Profissão militar, 20 — Delongar, 21 — Estrondear.

VERTICAIS

1 — Raiva, 2 — Presa, 3 — Amorofo, 4 — Acontecia, 5 — Arquearia, 6 — Semear, 7 — Beberrão, 8 — Naquele lugar, 9 — Sulcais (a terra), 12 — Industria de oleiro, 14 — Novo, 19 — Imensidão, 20 — Clima.

SOLUÇÃO DO N.º ANTERIOR

Horizontais:— Abafa — Tropa — Arula — Aba — Pi — Elatar — Acarapeba — Rabona — Os — Ana



— Crera — Fatia — Pares.

Verticais:— Aru — Bo'ero — Apolancar — Fá — Tricana — Abóbora — Apará — Até — Araca — Aparte — Aba — Eis — Fa.

NOSSA CAPA

Monumento à Revolução Constitucionalista erigido na cidade de Piracicaba, neste Estado.



MILITIA

Revista de assuntos técnicos policiais
militares e culturais em geral

ÓRGÃO DO CLUBE DOS OFICIAIS DA FÔRÇA
PÚBLICA DE SÃO PAULO

Redação e Administração:

RUA ALFREDO MAIA N.º 106

Fones { externo 34-6488
{ interno 198

SÃO PAULO, S. P. ————— Brasil

ANO XI

Julho/Agosto

N.º 76

DIRETOR GERAL:— — cel. José Anchieta Torres
DIRETOR RESPONSÁVEL E SECRETÁRIO:— — 2.º ten. Wanio José de Mattos
TESOUREIRO:— — major Germano Ribeiro Scartezini

REDATORES :

— cel. capelão P. A. Carvalheiro Freire
— major Olímpio de O. Pimentel
— cap. Plínio D. Monteiro
— cap. Jorge Mesquita de Oliveira
— cap. Francisco Antônio Bianco Junior
— cap. médico Plirts Nebó
— 2.º ten. dent. Fernando Averbach

COLABORADORES :

— cap. médico P. dos Santos Abranches
— al. of. Hélio A. A. Dutra de Azevedo
— prof. Hans Peter Heilmann
— prof. Paulo Henrique

FOTOGRAFIA :

— Gabinete Fotográfico da Fôrça Pública

ASSINATURAS

Por 6 números Cr\$ 70,00
Número avulso Cr\$ 15,00

AOS COLABORADORES E LEITORES

A colaboração nesta revista é franca a todos; porém, não será possível a publicação de trabalhos político-partidários ou religioso-sectários os quais não se enquadram em seu programa.

Tôda a matéria deve ser datilografada com espaço duplo, num só lado do papel, não devendo ultrapassar seis páginas de papel almasso. Os desenhos e esquemas ilustrativos referentes aos trabalhos deverão ser feitos a nanquim, sobre cartolina ou papel branco forte.

Os originais não serão devolvidos, mesmo quando não publicados, nem mantemos correspondência sobre a sua publicação.

A Revista não assume responsabilidade por conceitos formulados pelos autores em trabalhos assinados.

- Desejamos estabelecer permuta
- Deseamos establecer el cambio
 - Desideriamo stabilire cambio
 - On désire établir échange
 - We wish to establish exchange
 - Austausch erwünscht



GM

A GM na vida brasileira

EM BUSCA DA PERFEIÇÃO

Dois laboratórios completos, para análise da matéria-prima e para testar as peças depois de fabricadas, são mantidos pela General Motors do Brasil. O acabamento e a fidelidade a rígidas especificações são alguns dos pontos para os quais se dirige a atenção destes laboratórios — e sua finalidade é a de aprovar somente os produtos que estejam enquadrados nas normas técnicas GM. Eis, portanto, o que significa a marca GM: garantia de matéria-prima... garantia do produto!

GENERAL MOTORS DO BRASIL S. A.
SÃO CAETANO DO SUL — SÃO PAULO